

**Universidade Estadual de Campinas**  
**Instituto de Estudos da Linguagem - IEL**  
**Departamento de Linguística**

Moana de Lima e Silva

**PORTUGUÊS INDÍGENA KAINGANG: UMA QUESTÃO DE  
CONCORDÂNCIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Linguística  
ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL),  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Campinas, 09 de junho de 2011.



Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP  
Instituto de Estudos da Linguagem - IEL  
Departamento de Linguística

Moana de Lima e Silva

**PORTUGUÊS INDÍGENA KAINGANG: UMA QUESTÃO DE  
CONCORDÂNCIA**

A presente Dissertação foi aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística, no Programa de Mestrado em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL/ UNICAMP.

Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Campinas, 09 de junho de 2011.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – UNICAMP**

L628p                      Lima e Silva, Moana, 1981-

                                  Português Indígena Kaingang : uma questão de  
concordância / Moana de Lima e Silva. -- Campinas, SP : [s.n.],  
2011.

                                  Orientador : Wilmar da Rocha D'Angelis.

                                  Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

                                  1. Bilinguismo. 2. Língua kaingang. 3. Índios Kaingang -  
Brasil. I. D'Angelis, Wilmar da Rocha. II. Universidade Estadual  
de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

**Informações para Biblioteca Digital**

**Título em inglês:** Indigenous Kaingang Portuguese.

**Palavras-chave em inglês:** Bilingualism, Kaingang, Kaingang indigenous – Brazilian.

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Mestre em Linguística.

**Banca examinadora:**

Wilmar da Rocha D'Angelis (orientador)

Carmem Zink Bolognini

Consuelo de Paiva Godinho Costa

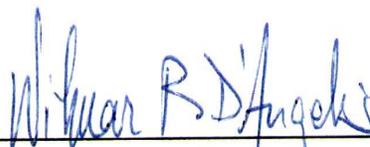
**Data da defesa:** 09-06-2011.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

## Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA:

Wilmar da Rocha D'Angelis



Carmem Zink Bolonhini



Consuelo de Paiva Godinho Costa



Beatriz Protti Christino

\_\_\_\_\_

Flaviane Romani Fernandes Svartman

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2011



## Agradecimentos

Quando chegamos ao fim de uma longa caminhada, temos a sensação de que tudo o que vivemos, sonhamos ou sofremos, torna-se pequeno em relação aos sentimentos de alegria e paz que nos engrandecem neste momento.

Ao pensar em toda a trajetória percorrida, a única coisa que me resta a fazer, neste momento, é agradecer a tudo e todos que estiveram presentes em meu caminho neste período.

Não sei exatamente se consigo expressar, com clareza, minha gratidão para com todos que colaboraram comigo. Da mesma forma, peço desculpas antecipadamente àqueles que, sem querer, possa deixar de mencionar; gostaria que soubessem que todos são igualmente importantes.

Começo, então, agradecendo àqueles que tornaram possíveis as muitas realizações até este momento. À minha querida e amada mãe Maria Helena, que me ensinou os princípios e que sempre me apoiou, sendo o meu grande exemplo de vida e sinônimo de fortaleza! Às minhas irmãs Monia, pelo apoio, e Mayra em especial, que sempre me encorajou e me motivou nos momentos mais difíceis, seja por sua bondade para comigo, seja por sua paciência exemplar, ao meu sobrinho Otávio, que é uma luz em minha vida há sete anos, e à minha querida prima Gisela, que sempre esteve ao meu lado exercendo o papel de irmã e grande companheira.

Ao meu orientador, prof. Dr. Wilmar D'Angelis, por acreditar e ter me dado oportunidade.

À profa. Dra. Juracilda Veiga, pela companhia e apoio em vários momentos.

Ao povo Kaingang, que pela troca de experiências, possibilitou um grande crescimento pessoal. A cada um que conheci e compartilhei algo, muito obrigada pela companhia e ensinamentos, vocês serão meus eternos professores.

A todos os indígenas que conheci durante meu curso, seja em Congressos, seja em Oficinas, jamais esquecerei essa grandiosa experiência.

Aos meus colegas de curso, Almir, Eduardo e Nayara, muito obrigada pelo incentivo, pela ajuda e pelas palavras encorajadoras. Não poderia deixar de citar minha grande e especial amiga Solange Gonçalves, que muitas vezes, durante essa trajetória, assumiu o papel de mãe conselheira e motivadora.

Aos meus colegas da Unicamp, Vivian ‘Maria’, que foi uma grande companheira, Juliano, que sempre se propôs a ajudar no que era preciso, e ao meu querido ‘irmão’ Marcos Pires, que é simplesmente “*so beautiful*”! Não poderia deixar de falar também do meu grande amigo Gustavo, que sempre me animou com seu humor, fazendo-me ter forças para continuar.

Aos professores, prof. Dr. Angel Corbera Mori e profa. Dra. Terezinha Maher, com que pude ter contato mais diretamente no IEL, muito obrigada pelo apoio e pelo incentivo em continuar.

E ao meu companheiro de todos os momentos, o meu amado e saudoso pai José Sebastião, muito obrigada por estar sempre ao meu lado, sendo o meu Anjo... Certamente, um dia nos veremos de novo!

# PORTUGUÊS INDÍGENA KAINGANG: UMA QUESTÃO DE CONCORDÂNCIA

## Resumo

A presente dissertação avalia a influência da Língua Kaingang de falantes nativos do Kaingang no RS, em sua escrita em Português. Tomando como base as ideias de Maher e de outros estudiosos acerca do Bilinguismo, que afirmam ser o sujeito bilíngue “real”, aquele que transita de uma língua para outra, podendo apresentar interferência entre elas, é que assumo a ideia de que a escrita em Português desses falantes deve ser entendida fruto de uma competência bilíngue.

Analisando os estudos de D’Angelis sobre a **inexistência** de concordância na língua Kaingang e sua vasta bibliografia sobre a sintaxe dessa língua, foi possível começar a verificar a escrita em Português de professores indígenas Kaingang. Logo no início dessa análise, já foi constatado que essa escrita apresenta, também, ausência de concordância verbal e nominal.

Finalmente, ao analisar um corpus de textos produzidos em Português por professores e alunos nativos do Kaingang no RS, notou-se uma comum ausência de concordância, semelhante à sua escrita na língua materna, ou seja, em Kaingang. A partir da análise desses dados e de sua comparação com a língua Kaingang, foi possível sugerir que essa escrita é, realmente, fruto de uma competência bilíngue e que pode ser denominada como Português Indígena Kaingang.

**Palavras – chave: Bilinguismo, Kaingang, Português Indígena.**



## INDIGENOUS KAINGANG PORTUGUESE

### **Abstract**

The present dissertation evaluates the influence of the Kaingang language in the Portuguese writing by native Kaingang speakers in RS. Based upon Maher ideas and others researchers on the ideal bilingual subject, it originates the idea that the Portuguese writing may derive from a bilingual competence by the Kaingang speakers.

Considering D'Angelis studies about lack of agreement in the Kaingang language and the vast bibliography on the syntax of the language, it was possible to verify the Portuguese writing of the Kaingang indigenous teachers.

At the very beginning of this analysis it was found that this writing presents lack of nominal and verbal agreement.

When analysing a corpus of texts written in Portuguese by native Kaingang teachers and students, the results demonstrated a lack of agreement committed in both languages, Portuguese and Kaingang. The analysis of these data and their comparison with the Kaingang language made it possible to suggest that the Kaingang writing is the result of a bilingual competence and can be termed as Indigenous Kaingang Portuguese.

**Key words: Bilingualism, Kaingang, Indigenous Portuguese.**



## **Abreviações**

ABA – Associação Brasileira de Antropologia

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

L1 – Língua Materna

L2 – Segunda Língua

MEC – Ministério da Educação

RCNEI – Referencial Curricular Nacional das Escolas Indígenas

SIL – Summer Institute of Linguistics

SPI – Serviço de Proteção aos Índios



## Índice

INTRODUÇÃO.....	01
1 – Kaingang: Um breve relato sobre seu povo e sua língua .....	03
1.1 – O povo Kaingang .....	03
1.2 – A língua Kaingang .....	06
1.3 – Escola na sociedade Kaingang .....	09
1.4 – Escolas nas sociedades indígenas do Brasil .....	11
2- Identidade Indígena .....	15
3- Bilinguismo .....	17
3.1 – O sujeito Bilíngue .....	19
4- Um breve estudo sobre a concordância nas Línguas Kaingang e Portuguesa .....	21
4.1 – Aspectos gerais da língua Kaingang .....	21
4.2 – A Gramática do Kaingang .....	22
4.3 – Ausência de concordância na língua Kaingang .....	24
4.4 – Uma comparação com o Português .....	26
5 – Uma análise prévia dos primeiros dados apresentados .....	29

6- Metodologia da pesquisa .....	33
6.1 – Sujeitos da pesquisa .....	33
7- Análise dos dados .....	37
7.1 – Textos apresentados por professores indígenas .....	38
7.1.2 – Dados extraídos de uma avaliação formal de disciplina.....	38
7.1.3 – Dados extraídos de avaliação pessoal sobre um curso de língua estrangeira.....	39
7.1.4 – Dados extraídos de uma avaliação de Linguística .....	42
7.1.5 – Dados extraídos de um relato sobre um funeral indígena .....	45
7.1.6 – Dados extraídos de um texto sobre cultura Kaingang .....	46
7.1.7 – Dados extraídos de avaliações em Antropologia .....	48
7.1.8 – Dados extraídos de prova final de Antropologia .....	51
7.2 – Textos produzidos por alunos indígenas .....	53
7.2.1 – Atividades de Alfabetização.....	53
7.2.2 – Atividades da 3ª série / 4º ano – Ensino Fundamental I.....	58
7.2.3 – Textos produzidos por alunos da 4ª série / 5º ano – Ensino Fundamental I .....	60
7.2.4 – Textos produzidos por alunos da 5ª série / 6º ano – Ensino Fundamental II .....	63
7.2.5 – Textos produzidos por alunos da 6ª série / 7º ano – Ensino Fundamental II .....	63
7.2.6 - Textos produzidos por alunos da 7ª série / 8º ano – Ensino Fundamental II .....	65

7.2.7 - Textos produzidos por alunos da 8ª série / 9º ano – Ensino Fundamental II .....	65
7.2.8 - Textos produzidos por alunos do 1º ano – Ensino Médio .....	66
8- Considerações Finais .....	69
9- Bibliografia .....	71
Anexos.....	75



- **INTRODUÇÃO**

Os povos indígenas têm sido, desde a chegada dos colonizadores europeus, vítimas de preconceito. Suas características são ignoradas e eles são tratados como se todos os povos falassem a mesma língua, partilhassem as mesmas experiências históricas, enfim, como se houvesse uma única cultura indígena.

Temos hoje no Brasil cerca de 227 povos indígenas, falando 180 línguas diferentes, vivendo nas mais diversas regiões do nosso país. Mas, mesmo apresentando números que à primeira vista nos impressionam, certamente são números bastante reduzidos se comparados aos da época da chegada dos portugueses. Por representarem cerca de 0,2% da população total brasileira (portanto, uma minoria social), eles ficam à margem de direitos fundamentais a todos os cidadãos e de seus direitos específicos, previstos na Constituição (D'Angelis, 2008).

No Brasil do século XVI, o número de povos indígenas seguramente passava de mil (cf. Rodrigues, 1993), cada qual com sua cultura, costumes, crenças, tradições e, principalmente, sua língua própria. O processo de invasão, ocupação e colonização que começou naquele século trouxe-lhes, além de toda violência e destruição física, uma grande carga de imposição cultural e linguística.

A imposição da Língua Portuguesa, no início minoritária, viria a ser um dos elementos da nacionalidade. A partir do século XVIII, com a crescente hegemonia da língua dos colonizadores, reduziu-se drasticamente a pluralidade ou diversidade linguística no país. Em 17 de agosto de 1758, a Língua Portuguesa se torna idioma oficial do Brasil, através de um decreto do Marquês de Pombal, que também proíbe o uso da língua geral, no caso a Língua Indígena. No ano seguinte, os jesuítas, que haviam catequizado os índios e produzido literatura em língua indígena, foram expulsos do país por Pombal, marcando a obrigatoriedade do uso da língua oficial, a língua Portuguesa.

Os Kaingang, por questões históricas de dominação e inserção em uma sociedade dominante, são um povo que se apoderou da Língua Portuguesa, tanto na oralidade quanto na escrita, fazendo uso desta em vários contextos. Em algumas comunidades esse processo tem mais de século, enquanto em outras não chega a cinquenta anos.

Embora dominando a língua oficial de nosso país, o uso de sua língua materna em contexto escolar e doméstico é relevante, pois para essa sociedade a Língua Kaingang é assumida como um dos marcadores de sua identidade étnica, já que se percebeu que o fato de falar a língua Portuguesa não evita a discriminação.

Visto que há um uso de duas línguas nas mesmas comunidades – no caso, os Kaingang que falam sua língua materna e a Língua Portuguesa –, estamos diante de uma situação que caracteriza o que se convencionou chamar de Bilinguismo. Pelo uso relevante que a Língua Portuguesa também tem na vida desse povo, inclusive na escrita, podemos classificar os Kaingang como um povo bilíngue.<sup>1</sup>

No intuito de tentar compreender um aspecto desse processo de bilinguismo vivido pelos Kaingang, a presente dissertação volta-se para as situações de uso do Português por falantes nativos de língua Kaingang no RS, visando contribuir – fornecendo subsídios, tanto no plano teórico quanto social – para a valorização e o fortalecimento da língua Kaingang, e ao reconhecimento da variedade de língua Portuguesa falada e escrita nas comunidades dessa sociedade indígena do Sul do Brasil.

---

<sup>1</sup> D'Angelis (2002) também caracteriza os Kaingang como um povo 'letrado'.

# **1. Kaingang: Um breve relato sobre seu povo e sua língua**

## **1.1- O povo Kaingang**

Fazendo parte dos povos Jê Meridionais, os Kaingang são uma das cinco populações indígenas mais numerosas no Brasil, com cerca de 30 mil pessoas. Ao todo, os Kaingang estão vivendo em cerca de 30 áreas de terras indígenas distribuídas entre os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, representando quase a metade de toda a população dos povos de língua Jê, sendo cerca de 45% de toda a população (D'Angelis, 2002)<sup>2</sup>.

Alguns se urbanizaram, outros, mesmo vivendo em acampamentos à beira das grandes cidades, onde passam boa parte do ano, retornam à aldeia na ocasião das grandes festas (Veiga, 2000).

Os primeiros contatos oficiais e amistosos reconhecidos com comunidades Kaingang pela sociedade portuguesa acontecem a partir de 1812 nos Campos de Guarapuava, centro do Paraná (Cf. D'Angelis, 2001). E, a partir da expansão da economia pastoril, no século XIX, e da economia agrícola e exploração madeireira no século XX, a invasão e ocupação do território Kaingang foi sendo ampliada, e os contatos e interações igualmente se intensificaram (Gonçalves, 2006).

Porém, foi no Sul do Brasil que houve a grande expansão agrícola e as madeiras passaram a ocupar os territórios indígenas, o que aconteceu muitas vezes através de grande violência contra os que a ela se opunham. Houve também as políticas de integração do SPI – Serviço de Proteção aos Índios (1910 a 1967) – e também, posteriormente, da FUNAI, que favoreceram as mudanças ocorridas nas demarcações das terras indígenas.

É inevitável que, ao lado dessas mudanças sócio-econômicas, houvessem ocorrido também mudanças culturais e linguísticas. Os Kaingang, a partir do contato com a sociedade não-indígena, tiveram a necessidade de adquirir ou apropriar-se de uma outra língua que não era a sua. Por viverem em um país onde a língua oficial é o Português,

---

<sup>2</sup> Conferir mapa na página 17.

passam a fazer uso desta para se comunicarem, seja com poderes públicos, locais ou regionais, empregadores, grupos religiosos, nas relações comerciais e mesmo na escola, onde todo o ensino era feito na língua oficial, ou seja, em Português.

Para os Kaingang, inicialmente, a língua não representava uma parte importante de identidade enquanto povo, mas a partir do avanço da sociedade dominante, resultou na questão dicotômica em que ser ou não ser índio foi sendo colocada em todos os aspectos de suas vidas cotidianas. A tentativa de se identificarem com a sociedade dominante os levou ao abandono da **Língua Materna**<sup>3</sup> (em muitas comunidades, ainda que em poucas se possa dizer que essa perda é completa ou irreversível). Mas, ao longo do tempo percebeu-se que o fato de falar a língua Portuguesa não evitava a discriminação, e, a partir disso, houve uma revalorização de sua **Língua Ancestral**<sup>4</sup>, ou seja, a língua Kaingang (Gonçalves, 2006).

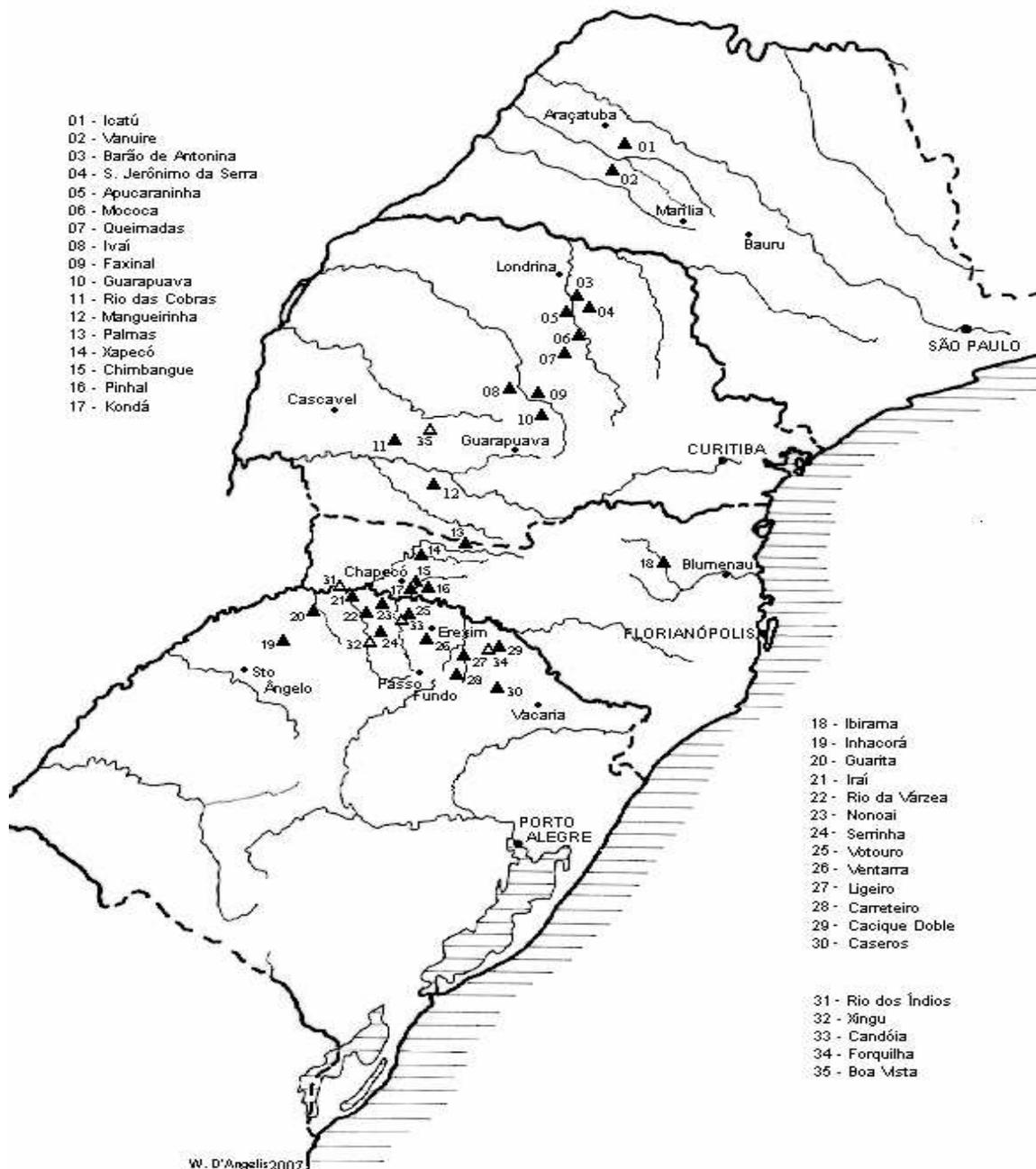
---

<sup>3</sup> Língua Materna é a primeira língua que se aprende ou compreende, ou seja, é a língua na qual o indivíduo foi alfabetizado.

<sup>4</sup> Língua Ancestral não é simplesmente a língua original do indivíduo, mas sim o próprio indivíduo, na sua integridade física, social e individual, apresentando suas ansiedades e transformações geradas pelos anos, e ainda seus desejos e sonhos pelo que virá acontecer.

Mapa da localização das áreas indígenas Kaingang no Sul e Sudeste do Brasil

# ÁREAS KAINGANG



Disponível: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org)

## 1.2 - Estudos sobre a língua Kaingang

O povo Kaingang desde o século XIX foi alvo de ações catequéticas pela Igreja católica, já que no Período Imperial isso era parte da política indigenista oficial. No início do séc. XX, um capuchino italiano chamado Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana foi o responsável pelos primeiros trabalhos de maior relevância sobre a língua Kaingang, que resultaram em uma gramática e um dicionário (Florianiana, 1918 e 1920), sendo que, antes destes trabalhos, a língua contava apenas com vocabulários<sup>5</sup>.

Na década de 40, Mansur Guérios (1942 e 1945) produz outros trabalhos na linha da linguística histórico-comparativa. Na sequência encontram-se as pesquisas de Wanda Hanke com o Xokleng (1947) e com o Kaingang norte-paranaense (Hanke 1950)<sup>6</sup>.

Segundo D' Angelis (2002, p.109), entre as muitas pressões sobre a sociedade Kaingang, encontram-se as políticas sistemáticas para que os índios deixassem de falar a língua materna, por exemplo, com a implantação das escolas primárias bilíngues, na década de 70: no final dos anos 50 havia se instalado, na divisa da área indígena de Rio das Cobras, no sudoeste do Paraná, a missão e centro de pesquisa linguística do Summer Institute of Linguistics (SIL - hoje, Sociedade Internacional de Linguística). Pela ação do SIL, com a formação de professores bilíngues (chamados monitores bilíngues), inicia-se a implantação de um programa educacional baseado no Bilinguismo de Transição, ou seja, um modelo que propõe que a língua indígena de alfabetização (já que a criança chega na escola falando sua língua materna) ceda espaço para o Português, que substitui a Língua Ancestral (Gonçalves, 2007 p.06).

Como pesquisadora do SIL, Ursula Wiesemann passa a estudar o Kaingang nessa região de Rio das Cobras, no final da década de 50 e principalmente na década de 60. Em

---

<sup>5</sup> Cf. D'Angelis (2006a). '*A língua Kaingang e seu estudo*'. Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org) (acessado em dezembro de 2009). Dessa fonte são a maior parte das informações históricas apresentadas nesse tópico.

<sup>6</sup> Idem.

1959 um primeiro estudo é tornado público, em reunião da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), intitulado *‘Notas sobre o proto-Kaingáng: um estudo de quatro dialetos’* (Wiesemann, 1959). Durante os anos 60, Wiesemann prepara material de ensino de Kaingang para missionários (Wiesemann, 1967) e estabelece uma sugestão de ortografia oficial iniciando a produção de cartilhas para alfabetização em Kaingang. Estabelece-se, então, um convênio envolvendo a FUNAI, o SIL e a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), criando-se a primeira escola para formação de monitores bilíngues na área de Guarita - RS (Gonçalves, 2008 p.07).

Na segunda metade da década de 90, a UNIJUÍ (Universidade de Ijuí, RS), a FUNAI e as igrejas luteranas desenvolveram um programa para dar formação equivalente ao Magistério de 2º grau, do qual formou uma primeira turma de 30 professores.

Já em 2001, a FUNAI, a UNIJUÍ e a UPF (Universidade de Passo Fundo) colocaram em andamento o Projeto Vãfy, de formação de professores Kaingang do Rio Grande do Sul em Magistério de 2º grau <sup>7</sup>, projeto do qual pude ter acesso aos materiais produzidos, sendo estes, emprestados do acervo particular do prof. Dr. Wilmar D’ Angelis.

Em 1987, Maria Porto Cavalcante defende sua tese de doutorado (IEL – Unicamp): *“Fonologia e morfologia da língua Kaingang, o dialeto de SP comparado com o dialeto do Paraná”*, e em 1988, José Baltazar Teixeira descreve a fonologia do dialeto Kaingang de Nonoai (RS), trabalhos que marcam o surgimento de estudos sobre a língua Kaingang nas universidades brasileiras.

No ano de 1986, Silvia Lucia Bigonjal Braggio defendeu sua tese nos Estados Unidos sobre o processo da alfabetização entre crianças Kaingang de Guarapuava: *“The sociolinguistics of literacy: a case study of the Kaingang, a Brazilian tribe”*. E a partir de meados dos anos 90, Silvia Nascimento passou a estudar aspectos da sintaxe do

---

<sup>7</sup>O Governo do Estado de Santa Catarina promoveu um programa semelhante de formação para professores Kaingang e Xokleng (Laklãnõ) no mesmo período (Cf. D’Angelis 2006 - *Elementos para o projeto de licenciaturas específicas (3º grau) para a etnia Kaingang* - não publicado).

Kaingang nos marcos de modelos da teoria gerativa (Cf. Nascimento 1995 e 1996, apud D'Angelis, 2006 a).

Também nos anos 90, D'Angelis passou a produzir trabalhos de análise da fonologia Kaingang e, posteriormente, também sobre aspectos da sintaxe (Cf. D'Angelis 1991, 1992a, 1992b, 1995a, apud D'Angelis, 2006), culminando com um trabalho teórico explorando os limites das teorias fonológicas com base em dados de sua investigação da língua Kaingang. Ainda segundo D'Angelis (2006), suas investigações prosseguem em vários campos linguísticos, dando atenção a aspectos fonéticos da língua em sua relação à fonologia propriamente, à sintaxe, às questões de educação e de linguística aplicada, aos aspectos sociolinguísticos, semânticos, historiográficos, literários e ortográficos<sup>8</sup>.

Em relação a instrumentos linguísticos escritos, como por exemplo, dicionários e gramáticas, tem-se apenas dois trabalhos intitulados Dicionários Bilíngues: o de Val Floriana (1920), que porém, é quase desconhecido da totalidade dos Kaingang, e o de Úrsula Wieseman (1971, reeditado em 1981 e revisto em 2002), que é pouco mais que um vocabulário, que também apresenta informações sobre pronúncia (da ortografia Kaingang) e sobre sintaxe.

E em relação aos materiais que podemos chamar de didáticos produzidos em língua Kaingang, seja pelo SIL ou por iniciativas recentes, com recursos do MEC para oficinas e publicações, temos apenas cartilhas e coletânea de textos que não cobrem a lacuna de uma reflexão linguística e epilinguística no ensino escolar do Kaingang, do mesmo modo que não cobrem a lacuna igualmente enorme do não emprego da língua Kaingang como língua de instrução nas disciplinas de história, geografia, matemática etc. (Cf. D'Angelis, 2002).

Mesmo sendo um fato tão conhecido de todos, não poderia deixar de falar neste trabalho, que analisa, necessariamente, a escrita em Língua Portuguesa de sociedades

---

<sup>8</sup>Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org) (acessado em dezembro de 2009).

indígenas Kaingang do RS, a influência do Português nas línguas indígenas hoje, em especial no Kaingang.

Sabe-se que muitas comunidades indígenas, inclusive a comunidade Kaingang, tiveram suas exigências linguísticas ampliadas a partir da interação/contato com os não-índios, especialmente quando a colonização aproximou-se muito dessas comunidades. Então interagir com a Língua Portuguesa passou a ser necessário.

Hoje, vários trabalhos são desenvolvidos com as sociedades indígenas Kaingang no intuito de revalorizar a sua língua e, espero, também, que essa dissertação contribua, direta ou indiretamente, para isso.

### **1.3 Escolas em sociedades indígenas no Brasil**

As iniciativas de alfabetização em populações indígenas, desde o séc. XVI até a metade do séc. XX, estiveram pautadas na catequização e assimilação dos índios à sociedade nacional, tendo como objetivo “cristianizar, civilizar e modernizar” (Corbera Mori, 2001, p.165).

Quando foi introduzido no Brasil o ensino bilíngue em escolas indígenas, na passagem da década de 1960 para 1970, o objetivo de assimilar os índios à sociedade nacional não foi abandonado. Nessas escolas, a língua indígena funciona apenas como meio de transmitir os conteúdos culturais da sociedade dominante. Isso serviu apenas como um poderoso instrumento de imposição de valores alheios, que negava as identidades culturais dos povos indígenas (Corbera Mori, 2001, p.166).

A partir do final da década de 70, ocorreram os primeiros debates sobre uma educação que respondesse aos interesses dos povos indígenas. Na década de 1980, diversas experiências de escolas “alternativas” foram realizadas, mas a maioria delas com vida curta. O resultado mais concreto desses movimentos foi a introdução de artigos, na nova

Constituição brasileira de 1988, que reconhecem, pela primeira vez, o direito dos povos indígenas de continuarem sendo o que são, e que é dever do Estado proteger essa diferença.<sup>9</sup>

Além da Constituição, os direitos dos povos indígenas passaram a ser garantidos também pelo Decreto 26/91, pela Portaria Interministerial 559/91, pelo Decreto que institui o Programa Nacional de Direitos Humanos, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) e pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI – MEC, 1998).

Por sua vez, as Diretrizes para a Política Nacional da Educação Escolar Indígena afirmam, como princípio geral, que “a educação escolar indígena deve ser intercultural e bilíngue, específica e diferenciada”.

Segundo Corbera Mori (2001), a educação bilíngue não deve ser apenas uma ponte para chegar à sociedade nacional; deve considerar as culturas dos povos indígenas, para gerar um diálogo crítico e criativo com outras culturas. Uma educação bilíngue bem entendida deve estar orientada para uma interculturalização regional, nacional e internacional.

A educação bilíngue intercultural relaciona-se com a necessidade, dos povos indígenas, de uma educação fundada na sua realidade linguística e cultural, e voltada à manutenção e desenvolvimento das línguas indígenas, como instrumentos de afirmação étnica. Mas, além disso, a educação bilíngue e intercultural constitui, para os povos indígenas, uma procura de participação ativa na vida econômica, social, política e cultural da sociedade nacional.

As culturas dos povos, do modo como são construídas até as maneiras como são modificadas, são transmitidas por meio de uso da linguagem. Os modos específicos de usar

---

<sup>9</sup>Constituições anteriores trouxeram artigos referentes aos índios, mas apenas com relação às questões de posse das terras.

a linguagem são, por isso, como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história. Por isso, na elaboração do currículo de cada escola indígena, é indispensável refletir sobre as seguintes questões: Que língua(s) deve(m) ser trabalhada(s) nesta escola? Que funções de linguagem podem ou devem ser trabalhadas? Em que línguas? Oralmente ou por escrito? Ou das duas maneiras? Como se podem trabalhar estas funções de modo eficiente?

Segundo o RCNEI, um dos objetivos da inclusão de uma língua indígena no currículo escolar é: “atribuir prestígio às línguas indígenas, o que contribui para que seus falantes desenvolvam atitudes positivas em relação a elas, diminuindo, assim, os riscos de perdas linguísticas do país”.

Montserrat (1994) sugere, no caso da atribuição de uma língua indígena no currículo escolar, o uso de uma metodologia contrastiva, que permitiria que se fossem processando e sistematizando as estruturas gramaticais do português – as estruturas básicas, muitas vezes ainda não abordadas em nenhum estudo linguístico, de suas línguas maternas – e ao mesmo tempo, fazer uso da língua em processo de aprendizagem.

Para Montserrat (seguindo Widdowson 1987), o grupo poderia ser conduzido também à busca de como os conceitos elementares de estado, tempo, processo e causalidade são codificados de maneira diferente segundo a sintaxe da língua; ou como diferentes relações sociais se codificam em termos de direções em diferentes línguas e como estas são utilizadas para expressar valores de poder e solidariedade (Montserrat, 1994, p. 05).

## **1.4 Escola na sociedade Kaingang**

*Um pesquisador desavisado, em uma consulta à documentação imperial no Brasil,<sup>10</sup> chegaria à conclusão de que a educação formal entre os Kaingang teve início nos aldeamentos de*

---

<sup>10</sup> O Império foi implantado, no Brasil, com a declaração de Independência, em 1822, e foi substituído pela República em 1889.

*São Jerônimo e São Pedro de Alcântara, no norte do Paraná, por volta de 1870-1875. Conclusão que estaria errada, pois naquelas colônias ou aldeamentos de fato ocorreram os primeiros contatos de crianças Kaingang com o ensino formal, escolar, mas essas experiências não tiveram continuidade, e não foi a partir delas que se estabeleceu uma educação formal entre os Kaingang (D'Angelis, 2008 – grifo meu).*

Foi no século XX, com a criação do SPI e sua gradual entrada em terras indígenas Kaingang, que efetivamente introduziram-se escolas destinadas a crianças indígenas. Essas eram escolas voltadas à chamada “integração do índio à sociedade nacional”, mas por seu caráter nem sempre regular, e pelo próprio desinteresse dos indígenas, raríssimos eram os casos daqueles que, tendo iniciado estudos (ou seja, se alfabetizado) em uma escola na aldeia, prosseguiram estudando em escolas fora da comunidade. Assim, o resultado daquelas escolas do SPI, em geral, foi efetivamente de alfabetizar, em Português, apenas um bom número de indígenas. Os efeitos dissociativos ou desagregadores sobre a cultura ou sobre a organização social das comunidades Kaingang, naquele período, não se deviam à escola, mas a outros fatores relacionados à presença dos funcionários do SPI, de arrendatários não-índios nas terras indígenas e de envolvimento de índios em ações de repressão às comunidades ou expolição de seu patrimônio, cooptados por agentes oficiais, quase sempre (D'Angelis, 2008).

Em um convênio envolvendo a FUNAI, o Summer Institute of Linguistics e a IECLB<sup>11</sup>, nos anos 70, foi iniciada a formação de turmas do que se chamou, então, monitores bilíngues: compostas de jovens indígenas Kaingang da região Sul do país (os três estados) que, com treinamento em um curso de poucos anos, se tornariam alfabetizadores de crianças Kaingang na própria língua (cf. Veiga & D'Angelis, 2000).

Esse tipo de programa bilíngue tem-se denominado Bilinguismo de Transição e nele a língua indígena é tolerada no ensino escolar por uma circunstância concreta: as crianças - alvo do programa são, quase sempre, falantes monolíngues de suas línguas indígenas maternas não visando fortalecer ou garantir a sobrevivência dessas línguas minoritárias,

---

<sup>11</sup>Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que tinha instalado uma Missão na área de Guarita (RS).

estando voltado à rápida passagem para a língua majoritária. Sendo assim, neste programa, deve ser respeitado o seguinte cronograma:

“- no primeiro ano escolar o professor ou monitor deve introduzir vocabulário relevante na língua nacional, como por exemplo, as vozes de comando e disciplina;

- no segundo ano, com as crianças já alfabetizadas na língua materna, o próprio instrumento da escrita se torna útil para ampliação do ensino da língua majoritária;

- no terceiro ano escolar, o ensino praticamente se divide entre as duas línguas;

- e no quarto ano letivo, a língua indígena só continua a ser empregada, em sala de aula, nos casos ainda necessários de esclarecimentos que, dados em língua portuguesa, seriam inúteis ou pouco aproveitados”(D’Angelis, 2008).

No entanto, na década de 1990, a educação escolar indígena deixa de ser atribuída exclusivamente à FUNAI e passa a fazer parte do Ministério da Educação, que aos poucos define seu papel de orientador e fiscalizador de ações, atribuindo às Secretarias de Educação estaduais a tarefa de promover, coordenar e sustentar os programas de educação escolar indígena e de formação de professores índios. A liberação de um certo incentivo oriundo da disponibilização de recursos federais, por um lado, e uma certa pressão oriunda de questionamentos do Ministério Público, por outro, levaram muitos governos estaduais a iniciar ações próprias e a criar setores específicos, nas Secretarias de Educação, para a chamada Educação Escolar Indígena.

Na avaliação de D’Angelis:

*“O fato é que, de todas as ações oficiais em educação escolar indígena nos Estados do Sul do Brasil, o que resultou, da virada do século para o quase final da primeira década do século XXI, é uma formação ‘capenga’, em geral pró-forma, feita quase sempre por pessoal sem qualificação para tal<sup>12</sup>, sobretudo no que respeita ao conhecimento real*

---

<sup>12</sup> Entretanto, se não formam bem os índios, tais experiências têm servido para grande número de pesquisas e estudos, com frequência dos próprios formadores aqui questionados, pesquisas que, apesar dos resultados inócuos (que costumam repetir ladainhas do senso comum acerca da educação escolar indígena, entremeadas de informação factual a respeito dos próprios processos formativos aqui criticados) comparecem em centros

*acerca das culturas e das línguas indígenas envolvidas, mas também dos processos de educação bilíngue. Tudo isso tem produzido duas conseqüências particularmente nefastas:*

*1. Feito acreditar, a centenas de professores de escolas indígenas, que estão devidamente qualificados e de que educação escolar indígena não é mais do que um repertório de práticas cosméticas que aprenderam a repetir nos seus ‘momentos de formação’.*

*2. Feito acreditar, a esse mesmo conjunto de formadores indígenas que voltam para suas aldeias, que “cultura” é um apanhado de objetos (e seus processos próprios de fabricação), um certo conjunto de práticas rituais re-significadas (por ex.: o entoar do Hino Nacional Brasileiro em língua indígena) e um conjunto de memórias (necessariamente não articuladas) acerca de um tempo pretérito de vida “próxima da natureza”, ao qual não se deseja nem se espera reverter, mas que opera como um patrimônio legitimador da identidade étnica”(D’Angelis, 2008).*

---

acadêmicos como dissertações e teses de mestrado e doutorado, conferindo aos seus autores os respectivos títulos, que têm valor em si, numa sociedade meritocrática como a nossa (independente da pouca qualidade ou insignificância que tenham, como produção de conhecimento). [Nota original do texto citado]

## 2- Identidade Indígena

Durante séculos, a palavra índio evocava imediatamente a natureza, homens exóticos nus, com os corpos pintados e adornos de plumas. Eram as populações tribais e “selvagens”, que viviam isoladas ou com pouco contato com a sociedade nacional. Porém, com as mudanças ocorridas nas comunidades indígenas e na sociedade brasileira nas últimas décadas, fica uma incógnita, saber quem é o indígena hoje no Brasil.

O termo índio – indígena foi usado inicialmente para definir o habitante encontrado em terras a serem colonizadas frente ao colonizador europeu, depois continuou sendo aplicado aos descendentes dos nativos encontrados nestas terras.

Rodolfo Stavenhagen explica que a antropologia definiu alguns critérios de indianidade, como a continuidade histórica entre a população indígena originária e a que atualmente se identifica como indígena. Mas se pensarmos em termos genéticos e culturais, a continuidade sofreu muitas mudanças com as mesclas ocorridas ao longo dos anos, e não é tão simples de ser documentada. Além disso, a indianidade frequentemente é resultado da imposição de políticas governamentais e, pelo lado dos indígenas, “es producto, la más de las veces, de un ‘discurso construído’ por las emergentes élites intelectuales de los propios pueblos indígenas y sus simpatizantes entre otros sectores de población” (Stavenhagen, 2003, p. 173).

No entanto, em todos os casos, o discurso de indianidade carrega consigo as denúncias das injustiças históricas cometidas contra os indígenas e fundamenta e legitima as reivindicações dos direitos humanos específicos à sua condição de indígenas.

Em meados do século XX, quando estavam fortes o modelo evolucionista e seus conceitos de assimilação e aculturação, era comum a visão romântica dos índios como primitivos, isolados, muito próximos da natureza e bastantes distintos da sociedade brasileira. Os índios eram uma categoria transitória, sendo suas culturas engolidas pela sociedade nacional (Oliveira Filho, 1999).

F. Barth influenciou alguns pesquisadores na década 70, que definiram ser o grupo étnico um tipo organizacional e não uma unidade portadora de cultura, e que o código essencial da identidade que orienta as relações interétnicas se exprime por contraste.

Assim, a cultura de contraste se apresenta com sinais diacríticos definidos conforme uma relação concreta. As identidades étnicas não têm uma substância (como se pensou que fosse a cultura), mas são construídas nas relações de contraste. Com isso, são índios aqueles que se consideram e são considerados índios. “Os grupos étnicos só podem ser caracterizados pela própria distinção que eles percebem entre eles próprios e os outros grupos com os quais interagem” (Cunha, 1987, p. 111).

Etnicidade é uma construção social, é um conceito cuja especificidade estaria em diferenças culturais ou de lugar, porém não um lugar geográfico real, e sim a percepção que as pessoas têm da diferença em termos geográficos. Diferença e semelhança são pensadas, aqui, a partir da definição do grupo étnico, conforme seu processo histórico particular (Lopez apud Gall, 2003).

Tal modo de pensar manifestou-se nas novas realidades de comunidades indígenas que voltaram a reivindicarem-se indígenas depois de décadas e até séculos de silêncio. Esse fenômeno ocorreu e ainda ocorre com as comunidades Kaingang do Sul do Brasil, que lutaram por seus direitos, terras, reconhecimento social e até hoje continuam lutando, para que sendo índios Kaingang, sejam respeitados e valorizados.

No intuito de definirem cada vez mais a sua identidade étnica, essas comunidades assumiram como um dos marcadores da identidade a sua **língua Ancestral**, que não é simplesmente a Língua Kaingang, mas sim os próprios Kaingang em sua integridade física, social e individual, apresentando um discurso de indianidade que, como já dito, carrega consigo as denúncias das injustiças históricas cometidas contra os indígenas, apresentando também as ansiedades e transformações geradas pelos anos e ainda os desejos e sonhos pelo que virá acontecer. Este fato fortalece e unifica ainda mais esses povos indígenas.

### 3 - Bilinguismo

O bilinguismo é um fenômeno que tem sido estudado segundo várias perspectivas como, por exemplo, a social, a psicolinguística, a educacional, a política, a econômica etc. Dentro dessas perspectivas, podemos distinguir entre o bilinguismo no indivíduo e o bilinguismo na sociedade, embora esses níveis estejam, até certo ponto, entrelaçados. As pesquisas sobre bilinguismo individual focalizam, principalmente, o uso das línguas pelo indivíduo em sua competência e desempenho, interferência e interlínguas, graus de fluência etc., enquanto as pesquisas sobre bilinguismo na sociedade preocupam-se com as mudanças que ocorrem na língua e no seu uso em relação à comunidade (a manutenção ou a perda de uma língua de geração para geração, as situações de diglossia, os domínios sociais, a comunicação intercultural etc.) (Mello, 1999).

O termo Bilíngue descreve, primariamente, um indivíduo que tem proficiência em duas línguas. No entanto, há varias definições pertinentes ao uso simultâneo de duas línguas. Para muitas linhas de pensamento, o bilíngue é um sujeito que fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo de um monolíngue. Para outras linhas, o bilinguismo mostra-se presente em diversas nações do mundo, em classes sociais e faixas etárias distintas, adquirindo suas línguas em diferentes fases da vida e dificilmente são igualmente fluentes em todas elas e em todos os níveis (Cristino, 2007).

Várias propostas surgiram entre as décadas de 30 e 50, concentrando seus estudos no bilinguismo individual, focalizando o uso da língua pelo indivíduo e analisando aspectos como a competência, o desempenho, a interferência e a fluência (Cristino, 2007, p. 08).

Bloomfield, em 1935, realiza um dos primeiros trabalhos de natureza linguística sobre o bilinguismo, no qual define o *Bilíngue Ideal* como aquele falante que possui o mesmo grau de proficiência nas duas línguas, cujo desempenho linguístico se assemelha em todos os níveis de fala, leitura, escrita e compreensão (Bloomfield, 1935; Thiery, 1978 apud Grosjean, 1982).

Já Bernstein, na década de 60, conceitualiza bilinguismo baseado na Teoria do Déficit, pela qual se acreditava que as crianças bilíngues tinham seu desenvolvimento retardado em relação às outras, monolíngues, de mesma idade. Tinha-se a idéia de que aprender dois idiomas significava uma dispersão de recursos cerebrais e que essas crianças apresentavam deficiências de desenvolvimento não só no aprendizado de línguas, mas em vários outros aspectos.

Contraopondo-se às concepções que postulavam um bilíngue ideal, ou seja, o ambilíngue, surgiram, também nas décadas de 50 e 60, estudos baseados no bilinguismo individual, como o do americano Werner Leopold (1939 – 1949, apud Mello 1999), considerado um dos trabalhos pioneiros no estudo de educação bilíngue, no qual Leopold, usando a estratégia: uma pessoa – uma língua, interage com seus filhos na língua alemã e sua esposa, somente na língua inglesa. Com isso, as crianças cresceram com a influência do *input* linguístico de duas línguas alternadas, de acordo com o interlocutor. Ele observou que o bilinguismo não trouxe quaisquer problemas ao desenvolvimento intelectual das crianças, vindo de encontro com os teóricos da época (Cf. Cristino, 2007).

Surgiram nesta época duas definições importantes, que se opõem à visão dos estudiosos estruturalistas, sendo a de MacNamara (1969), que considera um bilíngue aquele que apresenta uma das habilidades (falar, escrever, ler, ouvir) em língua diferente da sua língua materna e Haugen (1969), que considera o desempenho linguístico dos bilíngues segundo uma escala de fluência gradativa, partindo da capacidade de produzir mínimos enunciados significativos até atingir um grau máximo de fluência (Haugen, 1969).

Podemos pensar então que, associado à noção de perfeição, o bilinguismo é considerado uma exceção e o falar bilíngue uma espécie rara de quem fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo do monolíngue. No entanto, sabemos que a realidade não é bem assim. É estimado que o bilinguismo esteja presente em quase todas as nações do mundo, em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias e a sua aquisição ocorre em diferentes fases da vida, por isso, dificilmente, o indivíduo é igualmente fluente em todas as línguas em todos os níveis (Grosjean 1982 / 1994).

Sendo assim, pode-se concluir que bilinguismo é a capacidade de usar mais de uma língua para diferentes propósitos, em diferentes situações e com diferentes pessoas e, por isso, raramente é desenvolvido com igual fluência em ambas as línguas.

### 3.1 - O sujeito Bilíngue

Para esclarecer quem são os sujeitos da pesquisa, no caso os falantes bilíngues Kaingang, busco a explicação em Maher (2006), que propõe problematizar a seguinte questão: Quem é o sujeito bilíngue?

Uma definição que deve ser considerada ‘idealizada’ pode ser expressa da seguinte forma: “o sujeito bilíngue é aquele que ‘funciona’ em duas línguas em todos os domínios, sem apresentar interferência de uma língua na outra” (Halliday *et, al.*, 1984).

Porém, o bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exhibe comportamentos idênticos nas duas línguas: “a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, a depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, das questões identitárias em jogo, ele é capaz de se desempenhar melhor em apenas uma delas em certas práticas comunicativas” (Maher, 2006). A análise do desempenho de diferentes sujeitos bilíngues revelaria, por certo, competências igualmente díspares no manejo de seu repertório linguístico.

Assim, seria um grande equívoco afirmar que um sujeito bilíngue ‘funciona’ nas duas línguas de forma independente, sem apresentar interferência de uma língua na outra. A mudança de código e/ou regra não é falta de competência, mas sinal de competência em contexto de bilinguismo. Não sendo demais observar que, ainda segundo Maher, a situação menos comum é a do monolinguismo, porque, na prática, as situações e contextos em que indivíduos têm que se haver com mais de uma língua é a situação mais frequente em quase todo o mundo.

É neste contexto, do frequente uso de mais de uma língua, o Português e o Kaingang, que foi produzido o objeto, no caso textos escritos em língua portuguesa, desse estudo. E assim, a escrita desses falantes bilíngues, que porventura poderia ser classificada como ‘errada’ e apresentando ‘desvios da norma culta’ da Língua Portuguesa, após a análise que será apresentada, deverá ser classificada como uma escrita apresentando competência em bilinguismo.

## **4 – Um breve estudo sobre a concordância nas Línguas Kaingang e Portuguesa**

### **4.1 - Aspectos gerais da língua Kaingang**

Rodrigues (1999) classificou a língua Kaingang como pertencente à família Jê, tronco Macro-Jê. Antes do contato com o “branco”, o grupo Kaingang ocupava toda a região de florestas de Araucárias típicas da região Sul e parte do Sudeste (sul de São Paulo). Atualmente, após o período de dominação, esta sociedade foi reduzida a áreas indígenas isoladas nessas regiões.

O Kaingang e o Xokleng (que é uma língua muito próxima do Kaingang, hoje falada apenas em Santa Catarina) formam o conjunto restrito das línguas e culturas Jê do Sul (ou Jê Meridionais). A língua Kaingang é uma das línguas com maior número de falantes entre as línguas indígenas do Brasil. O povo Kaingang está espalhado em dezenas de áreas indígenas ao longo dos três estados do Sul do Brasil e interior de São Paulo, totalizando mais de 30 mil pessoas. Somente no Rio Grande do Sul, os Kaingang são mais de 11 mil pessoas. Como se espalharam por lugares tão distantes, há tanto tempo, os Kaingang desenvolveram vários dialetos diferentes: às vezes, diferentes quase só na pronúncia.<sup>13</sup>

Segundo Wiesemann (1971 e 2002), foram desenvolvidos cinco dialetos: a) dialeto de São Paulo; b) dialeto do Paraná; c) dialeto Central (entre os rios Iguaçu e Uruguai); d) dialeto do Sudoeste (sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo); e e) dialeto do Sudeste (sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo).<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org) em 7 de julho de 2008.

<sup>14</sup> Gonçalves, 2006.

## 4.2 - A Gramática do Kaingang

A Gramática do Kaingang difere muito da gramática da Língua Portuguesa, D'Angelis<sup>15</sup> apresenta os seguintes dados:

a) O Kaingang tem posposições, que fazem o papel das preposições no Português.

*na água* = *goj ki*

*com uma pedra* = *pó tỹ*

*para casa* = *ĩn ra*

*para o pai dele* = *ti jóg mỹ*

b) Com exceção de alguns verbos que possuem uma forma para o singular e outra para o plural, as formas verbais não se alteram nas frases, independente do sujeito.

*Ele já plantou o feijão* =

*Ti tóg rāgró krān huri.*

*Nós já plantamos o feijão* =

*Ëg tóg rāgró krān huri.*

c) O Kaingang sempre marca o sujeito da 'frase'.

*A onça corre* =

*Mĩg vỹ<sup>16</sup> vėnhvó tĩ.*

d) O Objeto Direto sempre aparece antes do verbo. É uma posição estrutural.

*O velho matou a cobra* = *Kofá tóg pỹn tānh.*

e) O Objeto Indireto, o beneficiário da ação, aparece acompanhado da posposição **mỹ** e, dessa forma, pode estar colocado antes do verbo:

---

<sup>15</sup> Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org) em 7 de julho de 2008.

<sup>16</sup> Em uma discussão inicial sobre Ergatividade, D'Angelis apresentou os termos tag,tóg, tỹ, vỹ e ne, como marcadores de caso nominativo.

Minha mulher deu a panela **para Maria** = *Inh prũ fi tóg **Maria mĩ** kukrũ nĩm.*

- Ou após o verbo:

Minha mulher deu a panela **para Maria** = *Inh prũ fi tóg kukrũ nĩm **Maria mĩ.***

f) Em relação ao gênero, em Kaingang a forma feminina parece ser obrigatoriamente marcada por elemento que tem função pronominal, já a forma masculina (ou, melhor dizendo, toda forma “não- feminina”) apenas opcionalmente o é. De fato, a forma masculina marcada é necessária apenas quando o número precisa ser esclarecido (sendo obrigatória para o número plural)<sup>17</sup>.

#### **Feminino (sempre marcado):**

[fi] – feminino singular

[fag] – feminino plural

*Ela foi buscar lenha, a minha companheira*

*pĩ wynwyr **fi** tóg, inh réngre **fi***  
*lenha buscar 3ªp.sg.fem. Nom. 1ªp.sg. companheiro 3ªp.sg.fem.*

*ũntatá **fi** = (uma) mulher*

*ũntatá **fag** = mulheres*

#### **Masculino / não-feminino:**

[ti] – masculino / não – feminino singular

[ag] – masculino / não – feminino plural

*“Kur **ti**” = roupa+3ªp.sg.ñ-fem.*

*“Nor **ti**” = milho + 3ª p. sg.ñ-fem.*

*ũngré = (um) homem*

*ũngré ag = homens*

*Ele morreu, o tigre*

***ti** tỹ ter, mĩg **ti***  
*3ªp.sg.não-fem. Nom. morrer tigre 3ªp.sg.não-fem.*

<sup>17</sup> Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org) em 13 de outubro de 2010.

É baseada na característica exposta em (b), de que na língua Kaingang, exceto em alguns verbos, não há variação na forma verbal na sentença, independente do sujeito, e nas características expostas em (f), mostrando que o gênero em Kaingang – Feminino e Não-Feminino/Masculino se dá através de marcadores pronominais, que se dá o foco deste estudo e se propõe esta análise.

### 4.3- Ausência de concordância na língua Kaingang

Segundo D'Angelis (2004), a língua Kaingang não apresenta concordância entre o sintagma nominal (seja argumento externo ou interno) e o sintagma verbal nas sentenças. Características morfológicas que aparentam uma possível concordância do nome com o verbo são analisadas por ele como pertencentes ao sintagma nominal, enquanto os processos morfológicos processados na raiz verbal, que também geravam uma falsa impressão de relacionamento do verbo com seus argumentos, são analisados como marca de aspecto e não como marcadores de concordância, assim, a língua Kaingang exprime ações plurais, múltiplas ou repetitivas no verbo, seja por reduplicação, seja por alternância lexical.

Os exemplos<sup>18</sup> a seguir mostram a relação do verbo com seus argumentos:

- 1- Kófa tỹ **jun** huri.  
Velho+ Nom. chegar (sg) já.  
*O velho já chegou.*
- 2- Kófa ag tỹ **junjun** huri.  
Velho + masc.pl+ Nom. chegar (pl.) já  
*Os velhos já chegaram.*
- 3- Kasor vỹ **ter**.  
Cachorro+ Nom. morrer (sg).

---

<sup>18</sup> Os dados aqui utilizados estão presentes em D'Angelis (2004).

*O cachorro morreu.*

- 4- Káso ag vỹ **kăgter**.  
Cachorro +masc.pl. + Nom. morrer (pl).

*Os cachorros morreram.*

- 5- Kófa vỹ văfy **hynhan** tĩ.  
velho+Nom. trançado fazer(pl.) Hab.

*O velho faz balaaios.*

- 6- Kófa ag vỹ văfy **hynhan** tĩ.  
velho+masc. pl.+Nom. trançado fazer(pl.) Hab.

*Os velhos fazem balaaios.*

- 7- Kófa ag tóg văfy **han** ja nĩ.  
Velho+masc.pl.+Nom. trançado fazer(pl.) Asp.1 Asp.2<sup>19</sup>

*Os velhos fizeram o balaio.*

Nos dados de (1) a (4) observa-se uma indicação de que há uma possível concordância entre o verbo e seus argumentos, dada pela presença de um marcador plural agindo no sintagma nominal e a modificação da raiz verbal, seja por reduplicação da raiz, seja pelo acréscimo de um elemento. No entanto, nos últimos três dados há uma alternância do SN-Sujeito entre o singular (kófa) e o plural (kófa ag), mas em ambos os casos o verbo apresenta a forma reduplicada (hynhan), indicando ‘ação plural’, conforme registra a tradução ao Português. A comparação entre (6) e (7) revela um SN-Sujeito com a mesma forma plural (kófa ag) e a comparação entre os três últimos exemplos mostra que nestes casos a forma do objeto direto é singular. Ainda assim, temos a forma reduplicada do verbo (hynhan) apenas nos dados (5) e (6), em cuja tradução o objeto direto aparece no plural (balaaios), enquanto a forma simples (han) aparece em (7), onde a tradução apresenta o objeto no singular (balaio) (D’Angelis, 2004, p.75).

---

<sup>19</sup> Aspecto 1, *ja*, indica ação acabada, como um *Perfectivo*. Aspecto 2, *ni*, indica “posição sentada” ou *Estável, Estado Permanente*.

Partindo da reflexão de D'Angelis sobre esses dados e tantos outros preliminares, é possível pensar no Kaingang como uma língua que não apresenta concordância verbal de número.

#### 4.4 - Uma comparação com o Português

Mattoso Câmara Jr. (1977), um brilhante estudioso, define concordância como sendo “princípio vigente em muitas línguas, segundo o qual, num sintagma, o vocábulo determinante se adapta a certas categorias gramaticais do determinado; assim, em português há concordância, em gênero e número, do adjetivo com o substantivo – *belo rapaz, belos rapazes*”.

Ainda segundo Mattoso Câmara Jr., na gramática da língua portuguesa é considerada a existência da concordância com um sujeito, na flexão número-pessoal, presente nos verbos e, assim, diferenciam-se dois tipos de concordância, a nominal e a verbal. Esta última marca em Português um substantivo como sujeito. Ele aponta, ainda, que a flexão verbal é a real expressão do sujeito e o pronome, ou nome (substantivo), sujeito, quando expresso, é uma redundância verbal.

Exemplos:

- a- As crianças **jogaram** bola.
- b- Nós **compramos** pães.
- c- O garoto **comprou** balas.
- d- **Comi** muito hoje.
- e- **Vendemos** uma dúzia de bananas na feira.

Perini explica que em Português a concordância verbal “limita-se a atribuir funções aos sintagmas nominais de nível oracional” (Perini, 1996, p. 188), definindo que há dois

tipos de concordância: “concordância entre sujeito e NdP<sup>20</sup> de uma oração e a concordância entre diversos elementos nominais (tradicionalmente classificados como “substantivos”, “adjetivos”, “artigos”, “numerais” e “pronomes”).

Em todos esses casos, há a exigência de que certos traços (em geral expressos morfologicamente) sejam idênticos em vários constituintes, veja neste exemplo:

*Meus alunos passaram no vestibular.*

Os traços de terceira pessoa e plural, considerados presentes no SN *meus alunos*, de certa forma se reproduzem no verbo que preenche o NdP: *passaram*, e não, por exemplo, *passou*.

Outro fator expresso no SN *meus alunos*, onde *alunos* é marcado como masculino, correspondente, ao item *meus* que também fica no masculino, e não *minhas*, que corresponde ao gênero feminino.

Neste aspecto fica evidente a diferença entre a língua Kaingang e o Português. Observando os dados de uma e outra, verifica-se que em Kaingang a função do sintagma nominal é dada pela presença de um marcador morfológico que indica qual sintagma, relacionado ao verbo, exerce a função de sujeito. Essa marcação é independente do verbo. Assim, como já exposto, o verbo pode estar em uma ação plural e os seus argumentos permanecem no singular, o marcador de mudança de número do nome restringe somente o sintagma nominal, não gera uma relação obrigatória com o núcleo do sintagma verbal. Já no Português (dito padrão/culto), a relação entre o sintagma nominal e o núcleo do sintagma verbal é obrigatória, expressa morfologicamente pela flexão verbal.

---

<sup>20</sup> NdP – Núcleo do Predicado



## 5- Estudos prévios com um pequeno conjunto de dados

Em um ensaio exploratório (Silva, 2006)<sup>21</sup>, analisei a expressão escrita, em língua portuguesa, de um conjunto de professores indígenas do Rio Grande do Sul, cuja língua materna é o Kaingang.

Os dados para aquele estudo provieram de trabalhos, exercícios e avaliações produzidos pelos professores em questão, no curso Vãfy<sup>22</sup>, que os capacitou em Magistério – Ensino Médio. O curso foi conduzido pela FUNAI – RS em parceria com as universidades de Ijaí e Passo Fundo e se estendeu de 2001 a 2006. Desse curso, participaram cerca de vinte professores indígenas, oriundos de dez aldeias do RS.<sup>23</sup>

O que mais ressaltou, na análise dos textos, foi a comum ausência de concordância (verbal e nominal / número e gênero). Sabe-se que em falares regionais ou de classes populares, chamados “não padrão”, essa é uma diferença facilmente perceptível, em relação às regras observadas na fala chamada “norma culta” ou “português padrão”. Isso é um argumento a favor de uma explicação que defenda que os professores Kaingang aprenderam aquele tipo de dialeto regional e, ao escreverem, seguem aquele uso oral. Contra esse argumento é preciso lembrar que os textos escritos em questão foram produzidos em contexto de um curso de Magistério, em situações de avaliação, o que nos faz esperar que os redatores estivessem minimamente preocupados em corresponder a uma certa imagem de língua escrita.

Partindo da análise de D' Angelis (2004) e sua conclusão de que não há concordância na língua Kaingang, pode-se começar a pensar que talvez exista alguma influência na escrita em português desses professores indígenas.

---

<sup>21</sup> Este ensaio foi apresentado no Congreso Internacional de Lenguas y Literaturas Indoamericanas realizado em Temuco – Chile, 2006.

<sup>22</sup> Vãfy é uma palavra Kaingang que significa: “traçado” ou “artesanato”.

<sup>23</sup> Os materiais dos quais extraí os dados são do arquivo pessoal do prof. Wilmar D'Angelis (DL-IEL–Unicamp), que atuou como docente no curso Vãfy, e que os disponibilizou para minha consulta, como tem feito com esse e outros materiais de línguas indígenas para outros estudantes que participam de seus cursos avançados.

Observem-se os dados a seguir, onde foram grifados os trechos em que se observa a ausência de concordância:

- a- “Este índio Lauridano, falou do nascimento das crianças. Ele disse que a criança vai crescendo até ficar grande e tratado de alimentos com seus pais. Antigamente **a criança crescem** assim sem documento porque não existia documentos pelos chefes...”<sup>24</sup>
  
- b- “Como **foi dado os nomes** quando **nasce as crianças** antigamente ...”.
  
- c- “ O Pej são o nome de Garen, Gavóg e outros. **Eles busca remédios** com espírito mau para não olhar para as crianças e também **passa** na língua da viúva ou viúvo, até **sete dia** de dieta, após isso a mulher e o homem podem comer com a sua família...”.
  
- d- “Para que **as criança sejam alfabetizados** na língua para **ter os seu conhecimento**, para não **perder** a cultura; através do ensino da língua, a criança aprende mais coisa, não só aprender a escrever, mas sim, aprender como se vive numa sociedade ...”.
  
- e-“ **Os meus trabalho** de entrevista **foi** bom, eu aprendi com as pessoas de mais conhecimento sobre tudo o que eu queria, por tanto quase todas as **disciplina tinha** pesquisa, mais eu consegui fazê-las ...”.
  
- f-“ **O trabalho** sobre as frutas não **foram** difíceis, porque eu já tinha um pouco de conhecimento...”.

---

<sup>24</sup> Fragmento de texto produzido por um professor Kaingang. Todos os outros exemplos apresentados, também são fragmentos retirados de textos produzidos por professores indígenas Kaingang.

- g- “... o meu desenvolvimento pessoal e o crescimento, eu acho que foi ótimo, **as dúvidas** que eu tinha **foi superado** porque sempre fiz o possível em aprender, principalmente na língua Kaingang ...”.

Notou-se que é **comum a ausência** de concordância, na maioria das vezes, entre o verbo e seu sujeito e também entre um nome e seus complementos dentro de um sintagma.

Analisando os fragmentos acima fica claro, portanto, que a escrita em português, dos professores Kaingang, com frequência prescinde de concordância verbal, e há também – em alguns casos, como nos itens (d) e (g) – falta da concordância nominal.

Não podemos esquecer que os autores destes textos são professores indígenas. E para esclarecer um pouco mais essa questão, uso as palavras da profa. Teresinha Maher:

*“qualquer indivíduo que seja bilíngue ou que esteja em contato efetivo com comunidades bilíngues, ao comparar as práticas comunicativas que vivencia, ou testemunha, com a afirmação de que o sujeito bilíngue funciona nas duas línguas sem apresentar interferência de uma língua na outra, irá perceber estar diante de uma ficção, de um mito. O funcionamento discursivo do sujeito bilíngue, não só permite, mas prevê mesmo a utilização de mudança de código (code-switching) e empréstimos linguísticos (borrowings) em sua gramática.<sup>25</sup> Um ‘bom’ bilíngue, e é importante entendermos isso, transita de uma língua para outra justamente porque, diferentemente do monolíngue, tem competência para tanto. Portanto, a mudança de elementos de uma língua para outra não é falta de competência, é sinal de competência em bilinguismo” (Maher, 2005, p.100).*

Com isso, é possível afirmar que a escrita em português dos professores indígenas bilíngues Kaingang, tomada em conta no referido ensaio, não pode ser considerada “errada” em função da falta de concordância, mas sim, uma escrita que revela competência bilíngue,

---

<sup>25</sup> A este respeito, ver, por exemplo, Zentella, 1981; Baker, 1993; Mello, 1999 e Hoffman, 2001.

sendo a dispensa de concordância um recurso aproveitado da língua Kaingang, na qual não existem as exigências de concordância gramatical do Português.

## **6– Metodologia da pesquisa**

Este trabalho tem como finalidade analisar textos produzidos por professores e alunos indígenas em contexto escolar, no caso de professores, em cursos de formação e em caso de alunos, em sua prática escolar diária.

Para isso, a seleção dos dados apresentados foi fruto de uma pesquisa de campo e de um material do acervo particular de meu orientador, e para isso, não foi estipulado um número exato de textos por falantes, diferenciando sexo ou idade, pois não é essa a intenção, mas sim de detectar a presença de uma escrita em contexto de bilinguismo, sem enfatizar a sua magnitude ou intensidade, mas simplesmente apontar que na região pesquisada está ocorrendo este fenômeno.

O material apresentado foi coletado em escolas que permitiram que todas as séries/anos dos níveis Fundamental e Médio pudessem ser contempladas, o que enriqueceu e muito o trabalho. E essa metodologia foi atribuída à tentativa de assegurar uma compreensão mais profunda do fenômeno em questão, mesmo tendo em mente que a realidade objetiva nunca será totalmente detectada.

### **6.1- Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos desta pesquisa são professores e alunos indígenas bilíngues Kaingang, que foram analisados a partir de suas produções textuais (em Língua Portuguesa).

Os professores indígenas, em questão, produziram o respectivo material no curso Vãfy de formação em Magistério de 2º grau, ministrado pelos professores Wilmar D'Angelis e Juracilda Veiga, em momentos diferentes ao longo do curso (que se estendeu de 2001 a 2006), mas principalmente nos anos finais, quando foram aplicadas provas de avaliação. Os textos analisados são resultados de produções de relatos, narrativas e

avaliações referentes ao curso, e esse material foi cedido pelo professor D' Angelis, de seu acervo particular.

Os **professores** que participaram deste curso de formação são oriundos das reservas indígenas do RS de Inhacorá, Guarita, Iraí, Nonoai, Serrinha, Votouro, Ventarra, Ligeiro, Carreteiro e Cacique Doble, todas situadas nas regiões Norte e Noroeste do estado do Rio Grande do Sul<sup>26</sup>.

Em relação aos **alunos**, tive a oportunidade de coletar o material em minha pesquisa de campo, realizada nas escolas das reservas de Ligeiro, Carreteiro e Ventarra, também todas do estado do Rio Grande do Sul. Para ter uma visão mais abrangente do material a ser analisado, optei por coletar materiais produzidos nos três segmentos escolares: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

No Ensino Fundamental I, o material foi cedido por professores indígenas que trabalham na 3ª e 4ª séries, hoje podendo ser denominadas 4º e 5º anos, sendo este material correspondente, quase, à alfabetização que ocorre em nossas escolas a partir do 1º ano, antigo pré-primário.

No Ensino Fundamental II, tive a oportunidade de coletar o material de todas as séries 5ª a 8ª, atuais 6º e 9º anos, e no Ensino Médio só foi possível coletar o material do 1º ano, pois não havia séries subsequentes, devido à defasagem de alunos.

O material produzido por essas séries foram textos que descreviam seus sonhos e projetos futuros, podendo ser classificados como textos dissertativos, e também relatos e narrativas ficcionais, trabalhando outro gênero textual, o narrativo.

Sendo assim, para essa pesquisa, utilizei apenas um instrumento, que foi o texto produzido por esses indígenas bilíngues, professores e alunos, já que a proposta desta dissertação é analisar, como já dito, a competência bilíngue na escrita desses falantes nativos. E como resultado, poder denominar essa escrita como Português Indígena

---

<sup>26</sup> Para uma melhor visualização de sua localização, retorne ao mapa das reservas indígenas na página 17.

Kaingang, já que é fruto de uma produção autêntica e autônoma, com características estruturais próprias, mais do que um Português escrito pelos Kaingang.



## 7 - Análise dos dados

A apresentação dos dados dessa pesquisa será feita em duas partes, reportando primeiramente os dados de minha análise dos textos dos professores indígenas e posteriormente o exame dos textos dos alunos. A escolha dos dados para essa apresentação ocorreu com a leitura dos textos, e os que apresentaram bons exemplos para expor a competência bilíngue na escrita desses falantes foram os selecionados. Para esclarecer melhor minha análise, retomo aqui a breve explicação sobre a principal diferença, de concordância, entre a língua Kaingang e o Português.

No Kaingang, a função do sintagma nominal / sujeito é dada pela presença de um marcador morfológico posposto. Essa marcação é independente do verbo. Assim, o verbo pode estar em uma ação plural e os seus argumentos permanecem no singular ou vice-versa, o marcador de mudança de número do nome restringe somente o sintagma nominal, não gera uma relação obrigatória com o núcleo do sintagma verbal. Já no Português padrão, a relação entre o sintagma nominal e o núcleo do sintagma verbal é obrigatória, expressa morfológicamente pela flexão verbal<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Para rever os exemplos que esclarecem essa explicação, retornar às páginas 41 e 42.

## 7.1- Textos apresentados por professores indígenas

### 7.1.2. - Dados extraídos de uma avaliação formal de disciplina <sup>28</sup>

Escrita dos professores indígenas <sup>29</sup>
<p>1. “<i>porque as <u>sociedade possuíam tecnologia</u>, mas <u>eram diferente</u>”.</i> (ver p.75)</p> <p>Neste exemplo observamos que há ausência de concordância verbal entre os sintagmas, pois a gramática Kaingang lança mão de tal aplicação e isso muitas vezes ocorre através da noção de evento múltiplo, que no Kaingang é apresentada pela reduplicação verbal. Vê-se que na estrutura desse período composto os verbos “possuíam” e “eram” estão no plural, permanecendo o sujeito, o objeto direto - “sociedade”, “tecnologia” – e ainda, o predicativo do sujeito “diferente” -, no singular.</p>
<p>2. “... e <u>avança as crianças que brincava pelos mato...</u>”. (ver p. 76)</p> <p>Nesta sentença também observamos outra ocorrência da ausência de concordância tipicamente Kaingang, já que “<i>Com exceção de alguns verbos que possuem uma forma para o singular e outra para o plural, as formas verbais não se alteram nas frases, independente do sujeito</i>”<sup>30</sup>. E neste caso, encontramos os verbos do período “avançava” e “brincava” concordando entre si, mantendo-se no singular, enquanto o sujeito “crianças”, é apresentado no plural.</p>
<p>3. “...os índios viviam livre só dependia <u>do caça, pesca e coletos de fruto.</u>”. (ver p. 77)</p> <p>Já neste exemplo encontramos dois casos de ausência concordância que se justificam pela gramática Kaingang. O primeiro que está mais visível é a questão do gênero, concordância nominal, pois encontramos o objeto indireto, no caso os substantivos</p>

<sup>28</sup> No caso, a disciplina era Antropologia.

<sup>29</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

<sup>30</sup> Para rever os exemplos referentes a essa explicação, retornar às páginas 36 e 37.

“caça”, “pesca” e “coleta de frutas” usados no gênero masculino, o que causa certo estranhamento, porém é bom lembrar que “*em relação ao gênero em Kaingang, a forma feminina parece ser obrigatoriamente marcada por elemento que tem função pronominal, já a forma masculina (ou, melhor dizendo, toda forma “não- feminina”) apenas opcionalmente o é*”<sup>31</sup>, o que esclarece o fato desses substantivos serem apresentados no gênero masculino. O segundo caso apresentado parece ser de concordância verbal, pois o termo “coleta”, que em Português é um nome derivado do verbo “coletar”, parece receber do indígena o mesmo tratamento de um verbo, no qual, por uma forma de expressar ‘plural’, representa um evento de ação múltipla.

### 7.1.3 Dados extraídos de avaliação pessoal sobre um curso de língua estrangeira

#### Escrita dos professores indígenas<sup>32</sup>

***1. “... com poucas aula aprendi alguns palavra e essa foi muito importante...”.***

(ver p. 78)

Este exemplo é justificado pela gramática Kaingang através da explicação do gênero, mais uma vez observamos o uso dos gêneros masculino e feminino, neste caso o objeto direto, que é formado pelo pronome indefinido “alguns” e o substantivo “palavra”, não concordando entre si, já que na língua Kaingang o gênero se dá através de um marcador pronominal. É interessante destacar nesta oração o uso do pronome demonstrativo “essa”, exercendo a função de sujeito da segunda oração, que está se relacionado à aula, mostrando a preocupação deste professor em manter a coesão

<sup>31</sup> Para rever os exemplos sobre essa explicação retornar à página 35.

<sup>32</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

textual. Fato que indica a preocupação formal que ele teve em desenvolver seu texto.

2. “... com a junda (sic) **do colegas e professor eu principalmente** eu sei alguns mas coisa...”. (ver p.78)

Aqui há outro caso justificado pela explicação do uso do gênero na gramática Kaingang. A ausência de concordância no complemento nominal “do colegas” pode ser explicada pelo fato de que, em Kaingang, as palavras masculinas no plural trazem um marcador pronominal e nesta oração a contração da preposição com o artigo definido não exerce tal função.

3. **“A metodologia do ensino de inglês foram boas,** mas tenho ainda muito que aprender...”. (ver p. 79)

Neste exemplo, encontramos mais uma vez a noção de evento múltiplo na ação verbal. A concordância entre o sujeito “A metodologia” e o verbo “foram” é justificada pela gramática Kaingang que apresenta a reduplicação verbal para indicar a noção de multiplicidade.

Também é interessante destacar nesse período o uso da conjunção adversativa “mas” bem colocada, pois esse tipo de construção ocorre com redatores proficientes, o que mostra que o autor desse texto manteve-se atento à coesão textual.

4. “... Foi muito **bem trabalhada os conteúdo de inglês.**” (ver p. 80)

Temos outro caso de ausência da concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, lembrando que quanto ao gênero, a língua Kaingang faz uso de um marcador pronominal para as palavras femininas; para as palavras masculinas / não-femininas, quando estão no singular não se faz necessário tal marcador, mas quando estão no plural, este marcador é obrigatório. E neste caso não há concordância entre o agente da passiva “Foi muito bem trabalhada” e o objeto direto “os conteúdo”.

5. **“As metodologia usadas em língua Inglesas foram bom.** Essas metodologia para nos termos intensão ...”.(ver p. 83)

Nessa construção, encontramos mais uma vez a noção de evento múltiplo na ação verbal. A concordância entre o sujeito “As metodologia” e os verbos “usadas” e “foram” é justificada pela gramática Kaingang que apresenta a reduplicação verbal para indicar a noção de multiplicidade. Também encontramos ocorrências de ausência da concordância nominal – gênero e número – que podem ser explicadas pela noção do uso de marcadores pronominais.<sup>33</sup>

6. “... *mas algumas coisa eu entendi e consigo falar algumas em inglês. **Essa aula foi bom**”.* (ver p. 83)

Neste exemplo, temos outro caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, lembrando que quanto ao gênero a língua Kaingang faz uso de um marcador pronominal para as palavras femininas, o que justifica a ausência de concordância entre o sujeito “aula” e seu predicativo “bom”.

7. “**A metodologia usada para ensino de inglês foi muito bom...**” (ver p. 84)

A explicação a ser apresentada sobre essa sentença é a mesma apresentada no item anterior, já que a situação discutida é a ausência de concordância nominal entre o sujeito “A metodologia” e o seu predicativo “muito bom”.

8. “... *Também nesta aulas **foram usada a língua Kaingang**”.* (ver p. 84)

Nessa construção, encontramos a noção de evento múltiplo na ação verbal. A ausência de concordância entre o objeto direto “a língua Kaingang” e o verbo “foram” é justificada pela gramática Kaingang que apresenta a reduplicação verbal para indicar a noção de multiplicidade.

9. “**A minha avaliação é bom**” (ver p. 84)

Temos um caso de ausência de concordância nominal também justificado pela gramática Kaingang, pois nessa língua é usado um marcador pronominal para as palavras femininas, o que justifica a ausência de concordância entre o sujeito

<sup>33</sup> Para rever o conceito de gênero na gramática Kaingang retornar à página 35.

“avaliação” e seu predicativo “bom”.

#### 7.1.4 - Dados extraídos de uma avaliação formal em Linguística

##### Escrita dos professores indígenas<sup>34</sup>

1. “... por que com o tempo as palavras estão sendo modificado tanto para abreviar e conforme o dileto (sic) de cada região para outro...”. (ver p. 87)

A explicação para essa sentença será baseada na explicação do uso do gênero em Kaingang, pois nessa língua as palavras femininas apresentam um marcador pronominal e no Português não apresentam tal marca. Assim, isso pode justificar a ausência de concordância nominal entre o sujeito “As palavras” e o seu predicativo “modificado”.

2. “empréstimo linguístico é quando as pessoas não está conseguindo encontrar a palavra própria de sua língua em seu vocabulário...”. (ver p. 87)

Neste exemplo temos a ocorrência da ausência de concordância verbal que em Kaingang, “Com exceção de alguns verbos que possuem uma forma para o singular e outra para o plural, as formas verbais não se alteram nas frases, independente do sujeito”, o que esclarece a ausência de concordância entre o sujeito “as pessoas” e o verbo “está”.

3. “... enprestimo(sic) é o estudo das necessidade da língua como nas pronunciamento da língua falada como na palavra escrita e linguística...”. (ver p. 88)

Neste exemplo encontramos um caso em que é necessário induzir a fala deste nativo Kaingang, pois está sendo apresentada a ausência de concordância nominal que não é

<sup>34</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

justificada pela gramática Kaingang e nem é uma ocorrência da língua portuguesa usada em uma variedade não-padrão. Entendemos que este falante, ao dizer “pronúncia”, buscou uma forma mais ‘erudita’, mais ‘cultura’, resvalando para “pronunciamento”. Um falante nativo de português, falante de uma variedade não-padrão, poderia produzir semelhante troca, buscando inadequadamente um termo que lhe pareça mais culto, mais erudito. No entanto, se este falante nativo de português produzisse essa substituição (“pronunciamento” por “pronúncia”) não erraria na concordância de gênero, usaria o masculino para concordar com “pronunciamento”, fato que não ocorre neste exemplo, mostrando assim, uma característica típica dessa escrita.

4. “ *A língua poderia mudar em vários sentidos de escrita e fala portanto é preciso nós conviver juntas com as pessoas que vive em outras sociedade ex: Eu falo em minha idioma, que quando nasci se criei me falando a idioma então. **Eu me senti diferentes quando sai a estudar em outros colégio na fora da área...** ”. (ver p. 89)*

Neste exemplo, em “eu me senti diferentes”, encontramos novamente a ocorrência da prática gramatical Kaingang, que marca a ação múltipla no verbo, independente do sujeito ser singular ou plural. Neste caso, podemos interpretar que o autor do texto está falando de suas várias experiências, em “outros colégio” fora de sua terra indígena; em cada uma dessas experiências, em cada um desses lugares, ele se sentiu “diferente”, de modo que ele optou em registrar como “diferentes”. Pode-se pensar então, que, para o autor do texto, o verbo em questão é “sentir-se diferente”, e não simplesmente “sentir”, fazendo-o apropriar-se da gramática Kaingang na sua escrita em português.

5. “**... o empréstimo linguísticos** (sic) *é quando você emprega outras palavras com outras...* ”. (ver p. 89)

Observamos neste exemplo uma ocorrência marcante dessa escrita e que não aconteceria com um falante nativo do Português, usando uma variedade não – padrão. Vejamos a construção “empréstimo linguísticos (sic)”, em que o autor do texto marca a

porção direita do sintagma, enquanto um falante nativo do Português, usando uma variedade não – padrão marcaria a porção esquerda do sintagma “empréstimos linguístico”. Nesta sentença e também na seguinte, tal ocorrência se justifica pelo fato da língua Kaingang ter a característica de língua com cabeça à direita, ou seja, uma língua em que se faz a marcação na porção direita do sintagma, enquanto o Português é caracterizado como uma língua com cabeça à esquerda, ou seja, uma língua em que se faz a marcação na porção esquerda do sintagma.

6. “... é de tiver o palavras com várias acréscimas aprendendo outras palavras...”.  
(ver p. 89)

Nesta sentença, mesmo sendo bem sintética, ‘recortada’, podemos observar que o autor desse texto, não só ele, mas também os outros que foram analisados mostram um repertório híbrido de recursos, o que pode gerar usos oscilantes e, até aparentemente, contraditórios, como é o caso de “o palavras” e “outras palavras”. Mostrando que em uma mesma sentença o autor pode apresentar ‘proficiência’ ou produzir uma escrita orientada pelo Kaingang. No entanto a análise deve ser feita em dois aspectos, sendo:

(1) Na ocorrência “o palavras”, há o uso da marca de plural apenas no nome, deixando o artigo no singular, em que o autor do texto marca a porção direita do sintagma, enquanto um falante nativo do Português, usando uma variedade não – padrão, marcaria a porção esquerda do sintagma “as palavra”.

(2) Já nesta ocorrência “várias acréscimas”, observamos um caso que também não aconteceria em Português, porém, para justificá-lo, podemos induzir que seja um caso de hipercorreção, uma tentativa de uniformizar a escrita neste texto.

7. “... mas em Kanhgág também pode se haja alguns acentuação mas com acentuação em diferente palavras e com mesma palavra. Ex: cipó – mrãg, em esta palavras você vê a palavras em português com gráfica mais em Kanhgág com outras diferenças”. (ver p. 89)

Neste exemplo podemos observar, mais uma vez, a ocorrência da marcação do

sintagma na porção direita da estrutura em três situações - “diferente palavras”, “esta palavras” e “a palavras” -, que poderia ser justificado pelo fato da língua Kaingang ter a característica de língua com cabeça à direita, opondo-se ao Português que é uma língua com característica de cabeça à esquerda.

### 7.1.5 – Dados extraídos de um relato sobre um funeral indígena

#### Escrita dos professores indígenas<sup>35</sup>

**1-“Na minha observação etnográficas foi muito importante para mim, porque antigamente a cerimônia era diferente como de hoje ...”.** (ver p. 91)

Nesta sentença, mais uma vez, o que mostra a característica da escrita desse autor é o termo que recebe marca de plural. Na expressão “minha observação etnográficas”, diferente de um falante nativo de Português que emprega uma variedade não - padrão, o Kaingang **não** coloca marca de plural única no termo mais à esquerda “minhas observação etnográfica”, mas no termo mais à direita. Como já observado, isso talvez se relacione com o fato da língua colocar o regente do sintagma sempre à direita.

Também se atentarmos à estrutura do sintagma nominal em Kaingang, veremos que a indicação de número sempre virá à direita. Observe-se os exemplos: “*ūtátá fi*” = “uma (alguma) mulher” , “*ūtátá fag*” = “umas (algumas) mulheres”; “*fág pir*” = “um pinheiro”, “*fág régre*” = “dois pinheiros”, “*fág ’e*” = “muitos pinheiros”.

**2- “Só quando alguém morrem sem ser crente eles choravam mais”.** (ver p. 91)

Neste exemplo temos a ocorrência da ausência de concordância verbal que em Kaingang, “*Com exceção de alguns verbos que possuem uma forma para o singular e outra para o plural, as formas verbais não se alteram nas frases, independente do*

<sup>35</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

*sujeito*”, o que esclarece a ausência de concordância entre o sujeito “alguém” e o verbo “morre”. Ou seja, o sentido da frase, na semântica Kaingang, seria: “toda vez que alguém” falece, não sendo crente, o choro é maior. E a expressão “toda vez que alguém” indica um fato que acontece várias vezes.

**3- “ A mulher do morto fica no meio dos parentes mulheres até que chega a hora da sepultura ela vai até o semitério(sic) para ver que lugar ele vai ficar interrado(sic)... ”.** (ver p. 91)

Neste exemplo, a expressão “no meio dos parentes” tornou-se mais precisa pela indicação de que a mulher ficava no meio das outras mulheres – “no meio dos parentes mulheres”, que são parentes dela. E para o Kaingang, que não apresenta em sua língua concordância nominal, o termo “os parentes” pode juntar-se com “mulheres” sem flexionar-se.

**4- “ No velório do homem Kame, os homens ficam no lado direito e os mulheres ficam com a viúva Kanhru no lado esquerda para dar conselho a ela... ”.** (ver p. 91)

Neste exemplo, encontramos outro caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, lembrando, mais uma vez, que quanto ao gênero a língua Kaingang faz uso de um marcador pronominal para as palavras femininas. E neste caso não houve a concordância entre “os” e “mulheres”.

### 7.1.6 - Dados extraídos de um texto sobre cultura Kaingang

#### Escrita dos professores indígenas<sup>36</sup>

**1. “Quando nasce uma criança os índios kaingáng corta o umbigo dela, com mais ou menos 3cms longe da barriga dela. E quando seca, esse 3 cms que fica, depois de ter**

<sup>36</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

**cortado ela cai.** Então **os índios kaingáng pega** esse, **e pega** um pano e enrola, **e bota** na esteira da casa. **Alguns coloca** dentro do chão no canto da casa. E isto para eles significa alguma coisa. Significa que quando a mãe guarda bem o umbigo da criança, a criança fica certo da cabeça, não tem problema celebrar, faz **as coisa** com inteligência”. (ver p. 92)

Nesta sentença encontramos algumas ocorrências de ausência de concordância, destacadas pelos grifos. Para os casos de ausência de concordância verbal, aproveitando a explicação do item anterior, só reforçarei dizendo que em Kaingang não é necessária a concordância entre o sintagma nominal Sujeito e o verbo correspondente.

Já nos casos de ausência de concordância nominal, uma das ocorrências se assemelha a outras já analisadas com respeito a número, que é o caso de “*as coisa*”. Já a outra ocorrência se dá pela ausência da concordância nominal de gênero, que observamos no seguinte trecho: “*esse 3 cms que fica, depois de ter cortado ela cai*”. Não parece simples a explicação desse fato. Pode ser apenas resultado das repetições anteriores, a partir de “uma criança”, de “umbigo dela” e “barriga dela”, mas pode ser simples caso de distração.

2. “*Os Kaingángs (sic) também nasce uma criança do sexo masculino, eles botam 5 na sua mão. Para que quando crescer tenha aquele coragem de trabalhar nas roça, ou botam qualquer tipo de ferramenta que o homem usa eles bota na mão da criança masculino...*”. (ver p. 92)

Neste exemplo, encontramos outro caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, lembrando, mais uma vez, que quanto ao gênero a língua Kaingang faz uso de um marcador pronominal para as palavras femininas. E neste caso não houve a concordância entre “aquele” e “coragem”, mostrando uma tendência em manter o gênero masculino na escrita, já que, em

Kaingang, para expressar o feminino é preciso um marcador.

3. “Os nomes indígenas é dado por metade tribais. Uns é para não terminar tal nome daquele que é da marca tribais, ou para ter coragem, outro para não morrer logo, outro para trabalhar no velório...”. (ver p. 93)

Neste caso, encontramos novamente ocorrências de ausência da concordância verbal em “os nomes indígenas é dado” e “uns é”, pois sabemos que em Kaingang não há necessidade da concordância entre o sintagma verbal e o sintagma nominal na mesma sentença. Mas também encontramos a ocorrência da concordância nominal de número em “metade tribais” e “marca tribais”, que são realizações reveladoras de falantes nativos do Kaingang, pois sabemos também que a língua Kaingang **não** coloca marca de plural única no termo mais à esquerda ( “*metades tribal*” ou “*marcas tribal*”), mas no termo mais à direita, já que é uma língua com característica de cabeça à direita.

### 7.1.7 – Dados extraídos de avaliação em Antropologia

#### Escrita de professores indígenas<sup>37</sup>

1. “As aulas que nos teve foram muito bom, foi muito bem dadas, e o que poderia melhor seria dinâmicas, de que como era as brincadeira do passado...”. (ver p. 94)

Nesta sentença encontramos mais um caso de ausência de concordância verbal que pode ser justificada pela noção de ação plural / múltipla, típica da língua Kaingang. Ao analisarmos o período “As aulas que nos teve foram muito bom, foi muito bem dadas”, observamos que o sujeito de ambas é o mesmo, e a oscilação na forma verbal parece evidenciar que não se trata mesmo de concordância, pois o autor escreveu “foram” na primeira oração, usando o recurso de sua língua materna em expressar ação plural (ou múltipla) no verbo (que pode ser redundante com um sujeito no plural, mas não é por concordância com ele), ao mesmo tempo em que, na oração seguinte, também opta pela marcação da ação múltipla no verbo principal (aqui, em forma participial) e não

<sup>37</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

no verbo auxiliar “foi”.

2. “ **Não tenho críticas nenhum sobre a aula, por isso eu digo as aulas foram muito bem...**”. (ver p. 94)

Neste caso encontramos a ocorrência da ausência de concordância nominal, que, mais uma vez, pode ser justificada pela gramática Kaingang, já que nestes casos – “críticas nenhum”, “aulas ... bem” -, podemos dizer que o gênero feminino precisa ser marcado e como em Kaingang isso se faz com o uso do marcador pronominal, nesta sentença não ocorreu pelo fato do falante lançar mão deste recurso.

3. “Os objetivo dessa 1ª etapa **deixou nós mais ansioso (sic) de chegar a onde nós temos pretendendo**, alcançar e superar as dificuldade, quando se fala em Kaingang muito bem **... sobre os vários etnios...**”. (ver p. 95)

Neste exemplo, observamos novamente a ocorrência da ausência de concordância nominal de número em “nós ansioso (sic)”, mas também o caso de gênero em “os vários etnios”, para explicar essas situações recorro à gramática Kaingang ao explicar que “em relação ao gênero, a forma feminina parece ser obrigatoriamente marcada por elemento que tem função pronominal, já a forma masculina (ou, melhor dizendo, toda forma “não- feminina”) apenas opcionalmente o é. De fato, a forma masculina marcada é sempre necessária quando o número precisa ser esclarecido (sendo obrigatória para o número plural)”. Assim, a falta do marcador de número na primeira ocorrência e do marcador de gênero na segunda, pode justificar a falta de coesão/concordância na escrita deste falante bilíngue.

4. “Tudo de bom, **e novos pesquisa, muito integração entre os colega e professores, e que cada alunos valorize este cursos** para sua vida profissional, e **trabalhar em sua comunidades**”. (ver p. 95)

As ocorrências deste exemplo mostram a questão da ausência de concordância nominal em gênero e número. Se pensarmos na gramática Kaingang em que é necessário o uso de um marcador pronominal para as palavras femininas (singular e plural) e não-

masculinas (quando estiverem no plural), podemos tentar esclarecer as questões que são apresentadas: “novos pesquisa”, “muito integração”, “os colega e professores”, “cada alunos”, “este cursos”, “sua comunidades”. No entanto, o mais importante neste dado é demonstrar que estas construções jamais se encontrariam em um falante nativo da língua Portuguesa, em qualquer que seja o dialeto do qual tenha adquirido essa língua.

5. **“A professora do Antropologia foi ótima professora...”**. (ver p. 96)

A explicação para essa sentença será baseada na explicação do uso do gênero em Kaingang, pois nessa língua as palavras femininas apresentam um marcador pronominal. Isso pode justificar a ausência de concordância nominal no sujeito da sentença “A professora do Antropologia”.

6. **“Os conteúdos dados foi importante, porque aprendemos a conhecer a nossa cultura...”**. (ver p. 97)

Neste exemplo há ausência de concordância verbal e pensando na gramática Kaingang, que dispensa a concordância entre o sintagma verbal e o nominal, este dado “os conteúdos dados foi” é justificado, pois não há concordância entre o sujeito e o verbo da oração.

7. **“Os materiais didáticos foi essencial para melhor aprendizagem e para compreender mos melhor...”**. (ver p. 97)

Para explicar este exemplo, retomo a explicação do item anterior, pois não há relação de concordância entre os sintagmas nominal e verbal – “materiais didáticos foi”.

8. **“As aulas foi boas”**. (ver p. 99)

Neste exemplo há, novamente, a ausência de concordância verbal e, mais uma vez, retomo a gramática Kaingang, que dispensa a concordância entre o sintagma verbal e o nominal, neste caso “as aulas foi” também é justificado, pois não há concordância entre o sujeito e o verbo da oração.

## 7.1.8 – Dados extraídos de prova final de Antropologia

### Escrita dos professores indígenas<sup>38</sup>

1. **“ou pela Kujá ou pelas pessoa mais velho que pode ser da Kairu...”**. (ver p. 102)

Temos neste exemplo um caso de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, lembrando que quanto ao gênero a língua Kaingang faz uso de um marcador pronominal para as palavras femininas e para as palavras masculinas / não-femininas, quando estão no singular não é obrigatório tal marcador, porém também é utilizado, no entanto quando estão no plural, este marcador é obrigatório. E neste caso não houve a concordância entre “pessoa” e “velho”, mostrando o reflexo da língua Kaingang nessa construção em Português.

2. **“A importância do nome para os Kaingang é muito bom porque os nomes em Kaingang tem varia significado...”**. (ver p. 104)

Para justificar este exemplo, retomo a explicação do item anterior, já que neste caso também encontramos ausência de concordância nominal em “varia significado”.

3. **“... esta aula foi muito bem explicado ... a minha dúvidas era fácil...”**. (ver p. 104)

Neste exemplo encontramos três situações, a primeira é da ausência de concordância nominal em “aula... explicado”, que já foi apresentada em várias situações, sabendo que em Kaingang o gênero é expresso por um marcador pronominal. A segunda ocorrência é de ausência de concordância verbal em “minha dúvidas era”, que é justificada pelo fato da língua Kaingang não exigir concordância entre o sintagma nominal e o sintagma verbal. E a terceira situação, também é de ausência de concordância nominal em “minha dúvidas”, no entanto para essa ocorrência é necessário explicar que a língua Kaingang expressa o plural no sintagma nominal (mais propriamente, no núcleo do sintagma), mas não há plural nas formas pronominais possessivas. Em Kaingang, dizer “meu irmão mais velho” é *inh kēke* e dizer “meus

<sup>38</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

irmãos mais velhos” é *inh kēke ag*, ou seja, o que leva plural é *kēke* (“irmão”), mas “meu” ou “meus” não se altera, é sempre *inh*, que também significa “minha” ou “minhas”: *inh ve* “minha irmã mais velha”, e *inh ve ag* “minhas irmãs mais velhas”, justificando a opção do autor em manter o pronome possessivo no singular.

4. “... vai avisar os outra aldeias”. (ver p. 105)

Aqui é apresentado outro caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, lembrando, mais uma vez, que quanto ao gênero a língua Kaingang faz uso de um marcador pronominal para as palavras femininas e para as palavras masculinas / não-femininas, quando estão no singular não é obrigatório tal marcador, porém também é utilizado, no entanto quando estão no plural, este marcador é obrigatório. E neste caso não houve a concordância entre “os”, “outra” e “aldeias”, mostrando o reflexo da língua Kaingang nessa construção em Português.

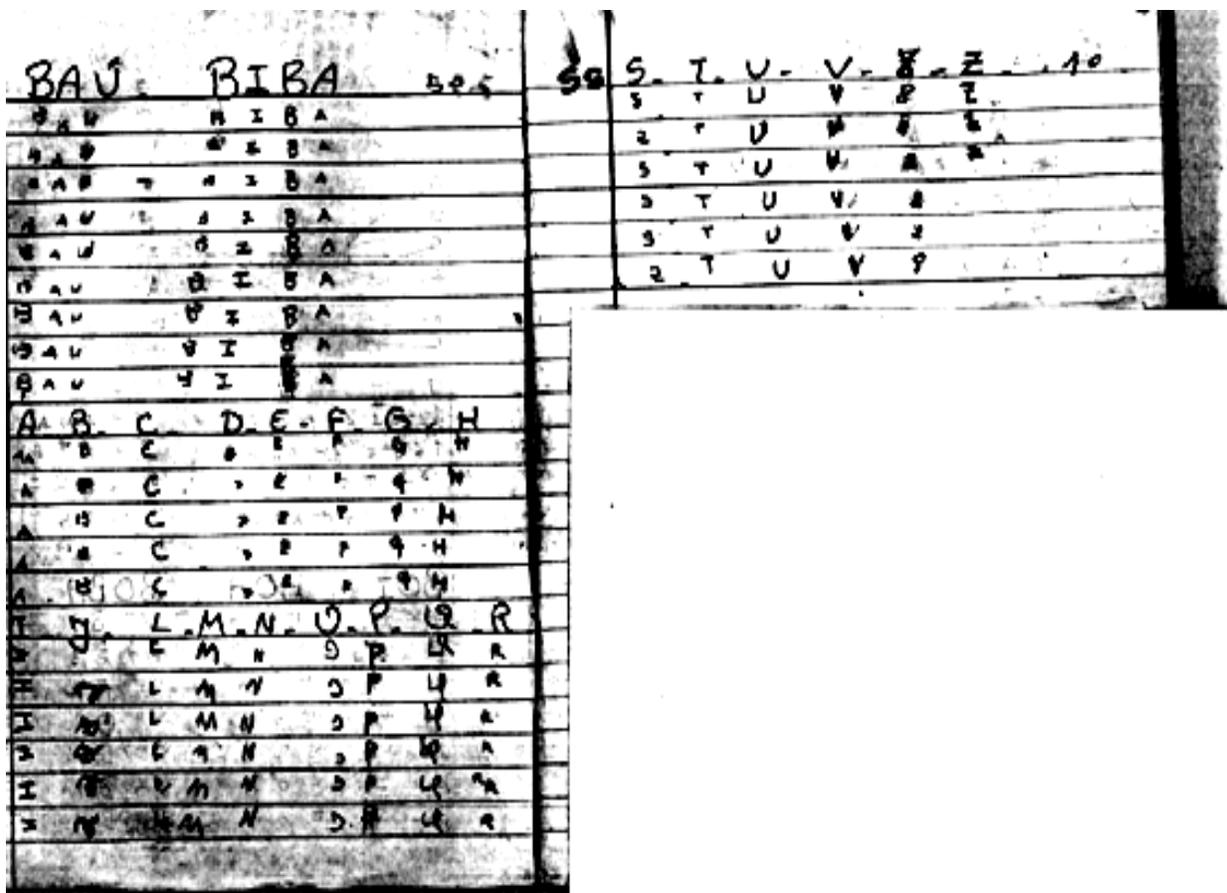
5. “... derrubar os arvores...”. (ver p. 105)

Para justificar este exemplo, retomo a explicação do item anterior, já que neste caso também temos ausência de concordância nominal em “os arvores”.

## 7.2 - Textos produzidos por alunos indígenas

Antes de apresentar os textos produzidos pelos alunos indígenas, é importante ressaltar que o processo de alfabetização, aquisição da escrita e ensino da língua portuguesa ocorre nos mesmos moldes de nossas escolas, para isso apresento algumas atividades desenvolvidas por alunos da educação infantil e da 3ª série do Ensino Fundamental, como são realizadas em uma das áreas indígenas visitadas em meu trabalho de campo.

### 7.2.1 – Atividades de Alfabetização









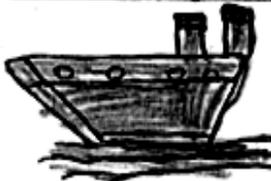
MALA

M A L A  
M A L A  
M A L A  
M A L A



NUVEM

N U V E M  
N U V E M  
N U V E M



NAUÍO

N A U Í O  
N A U Í O  
N A U Í O

MA - ME - MI - MO - MU

M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U  
M A M E M I M O M U

NA - NE - NI - NO - NU

N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U  
N A N E N I N O N U



JACARÉ JACARÉ

J A C A R É J A C A R É

J A C A R É J A C A R É

JÁ - JE - JI - JO - JU

J Á J E J I J O J U

J Á J E J I J O J U

J Á J E J I J O J U



LUA

L U A

L U A

L U A

LA - LE - LI - LO - LU

L A L E L I L O L U

L A L E L I L O L U

L A L E L I L O L U



ORVETE  
 ORVETE  
 ORVETE  
 ORVETE  
 ORVETE  
 ORVETE  
 ORVETE

S S S S S S S

S S S S S S S

SA. SE. SI. SO. SU

S S S S S S S  
 S S S S S S S  
 S S S S S S S  
 S S S S S S S  
 S S S S S S S  
 S S S S S S S  
 S S S S S S S  
 S S S S S S S



TA. TE. TI. TO. TU

T A T E T I T O T U  
 T A T E T I T O T U  
 T A T E T I T O T U  
 T A T E T I T O T U  
 T A T E T I T O T U  
 T A T E T I T O T U

TATU

TATU TATU  
 TATU TATU  
 TATU TATU

T T T T  
 T T T T

BATATA

SALADA PAT

SUCO RAT

SUCO RAT

## 7.2.2-Atividades da 3ª série/4º ano do Ensino Fundamental

1. Escolha palavras do quadro e complete as frases.



relógio  
máscara  
aquário  
Zapê



- a) O zapê é a boneca da Letícia.  
b) Flávia usou uma máscara no carnaval.  
c) O aquário tem peixinhos coloridos.  
d) O relógio marca as horas.

2. Copie as frases, escrevendo o nome das figuras.

- a) O  de Zezé está no armário.

O chapéu de Zezé está no armário.

- b) Coloque mais  no meu café.

COLOQUE AÇUCAR no meu café.

- c) Cláudio viu um  no zoológico.

CLÁUDIO VIU UM HIPOPÓTAMO no zoológico.

- d) Machuquel o  com a .

MACHUQUEL O PÉ COM A

① Passe as frases para o plural:

a) A flor é linda.

As flores são lindas

b) O móvel é moderno.

Os móveis são modernos

c) O animal é feroz.

Os animais são ferozes

d) A mulher é caridosa.

As mulheres são caridosas

e) Deixamos o carro na garagem.

Deixamos os carros nas garagens

f) Aquela bebê dorme.

Aquelas bebês dormem

g) Meu avô completou setenta anos

Meus avôs completaram setenta anos

h) Papai comprou pão e limão.

Papais compraram pães e limões

i) Mamãe lavou o lençol azul.

Mamães lavaram os lençóis azuis

j) O meu amigo é fiel.

Os meus amigos são fieis

A intenção em mostrar as atividades de alfabetização acima não é a de criticar ou condenar o ensino de Língua Portuguesa nessas escolas. Mas, simplesmente, de apresentar

como isso é feito e como segue os padrões de ensino das escolas regulares em nossa sociedade.

Nota-se a prática da cópia nas atividades tanto de silabação, quanto de sintaxe (construção de orações), na tentativa de que os alunos, através dessa prática, assimilem a língua ensinada. Percebe-se também que nessas atividades há grande preocupação com a ortografia, mostrando o quanto estão interessados em ensinar adequadamente a língua Portuguesa.

No entanto o que não posso deixar de comentar é que essas práticas usadas para ensinar aos alunos o Português em sua norma considerada culta, dentro de uma escola indígena, reforçam o preconceito linguístico, que é tão forte nessas sociedades, já que se mantém a ideia de que para ser bem aceito dentro da sociedade “dos brancos” é preciso saber bem o Português.

E este trabalho, indiretamente, tem a intenção de ajudar na desconstrução desses valores, já que a análise da escrita em língua Portuguesa desses falantes bilíngues permite observar que a escrita em questão não pode ser considerada “errada” ou “mal aprendida”, e que é uma produção marcada pela identidade.

### **7.2.3 – Textos produzidos por alunos da 4ª série / 5º ano – Ensino Fundamental I**

#### **Escrita de alunos indígenas<sup>39</sup>**

**1. “Eu aprendi muita coisas boa com o professor do PROERD<sup>40</sup>, obedecer (sic) o pai é não fumar é não tomar bebida é deichar (sic) a bebida...”. (ver p. 109)**

---

<sup>39</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

Encontramos nesta sentença a ausência de concordância nominal de número em “muita coisas”, que é uma realização típica de falantes nativos do Kaingang, pois sabemos que a língua Kaingang **não** coloca marca de plural única no termo mais à esquerda, mas no termo mais à direita, já que é uma língua com característica de cabeça à direita. E, ao lermos a construção “muita coisas boa”, podemos dizer que foi uma 'combinação' de um uso Kaingang “*muita coisas*”, com um uso do português não padrão “*coisas boa*”.

2. “**A mistura do álcool é perigoso**”. (ver p. 110)

Temos neste exemplo mais um caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, e que já foi apresentado em vários dados anteriores. E neste caso não houve a concordância entre “mistura” e “perigoso”, mostrando, mais uma vez, o reflexo da língua Kaingang nessa construção em Português.

3. “ ... *os venenos contidos no cigarro podem afetar a sua aparência **pois o fumo resseca o pele** e causa rugas...*”. (ver p. 111)

Temos mais um exemplo de ausência de concordância nominal em “resseca o pele” e para explicá-lo é bom reforçar que em tudo o que não implica diferença sexual (ou seja, em todos os seres inanimados) o Kaingang não distingue gênero. Quando fala ou escreve em português, nesses casos todos tendem a usar a forma não-marcada, que em português, é a masculina.

4. “ ... *fuma causa **problema respiratórios...***”. (ver p. 112)

Para explicar esta sentença, retomo a explicação de que o Kaingang é uma língua que tem a característica de cabeça à direita, fazendo sempre as marcações no sintagma desta posição, por isso o autor não faz a concordância optando em marcar apenas o termo

---

<sup>40</sup> O Proerd (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), é um programa de educação preventiva ao uso de drogas, que tem por objetivo evitar que crianças e adolescentes iniciem o seu uso. Ele ensina técnicas centradas na resistência à pressão dos companheiros e auxílio para as crianças dizerem não às drogas.

“respiratórios”.

5. “**tenho muito vontade de cohecer (sic) sua terra...**”. (ver p. 113)

Esta sentença apresenta mais um caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, e que já foi apresentado em vários dados anteriores. Neste caso não houve a concordância entre “muito” e “vontade”, mostrando uma tendência em manter o gênero masculino na escrita, já que para expressar o feminino é preciso um marcador.

6. “**Antes de conhecer não índias as povos indígenas do Brasil desconheciam a leitura...**”. (ver p. 114)

Para explicar essa ocorrência, retomo a explicação do item anterior, já que aqui também está sendo apresentada uma situação de ausência de concordância nominal. Notamos a relação “não índias” com “as povos indígenas”, que também pode ser explicada pela gramática Kaingang.

7. “... fazemos artesanatos para **comprar nosso próprio alimentos** para nossa família”. (ver p. 115)

Neste exemplo encontramos mais um caso que pode ser explicado pelo fato do Kaingang ser uma língua que tem a característica de cabeça à direita e fazer sempre as marcações no sintagma desta posição. Isto justifica a ausência de concordância em “próprio alimentos”.

8. “... é muito emportante (sic) se **nos não ajuntar os mosquitinho estar trento (sic) do plásticos** daí hoje ...”. (ver p. 119)

Neste exemplo encontramos mais um caso que pode ser explicado pelo fato do Kaingang ser uma língua que tem a característica de cabeça à direita e fazer sempre as marcações no sintagma desta posição. Isto justifica a ausência de concordância em “do plásticos”.

9. “... as profesora vam fazer um almoso (sic) para ... **todo mundos** ...”. (ver p. 119)

Podemos dizer que neste exemplo o autor possivelmente associa duas formas portuguesas: *para todos* e *para todo mundo*. Em Kaingang uma expressão semelhante é feita com itens lexicais, sem marcas de concordância ou de plural.

#### **7.2.4 – Textos produzidos por alunos da 5ª série / 6º ano – Ensino Fundamental II**

##### **Escrita de alunos indígenas<sup>41</sup>**

1. “ *Porque agente (sic) ama você agente te tratam com carinho...*” (ver p. 121)

Para explicar a ocorrência neste exemplo, retomo a explicação do item anterior que justifica a noção de evento múltiplo no verbo pela gramática Kaingang, que permite a reduplicação verbal para indicar tal ação.

2. “ *... No futuro quero casar com um índia e continuar com a nossa cultura...*” (ver p. 122)

Neste exemplo, observamos a ausência de concordância nominal de gênero em “um índia”, para justificar esta ocorrência retomo a explicação de que a língua Kaingang não possui artigos, nem definidos nem indefinidos, de modo que eles interpretam o “um” como numeral, e os numerais, nessa língua, são invariáveis em gênero. Assim, neste caso, a marca de gênero está novamente sobre o nome e não sobre o numeral.

#### **7.2.5 – Textos produzidos por alunos da 6ª série / 7º ano – Ensino Fundamental II**

---

<sup>41</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

## Escrita de alunos indígenas<sup>42</sup>

### 1. “... ele teve um doença e ele foi pro hospital ...”. (ver p. 123)

Neste exemplo, encontramos outro caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, lembrando, mais uma vez, que a língua Kaingang não possui artigos, sendo, neste caso, o “um” interpretado como numeral. Assim, não houve a concordância entre “um” e “doença”, mostrando uma tendência em manter o gênero masculino na escrita, já que para expressar o feminino é preciso um marcador, isso mostra o reflexo da língua Kaingang nessa construção em Português.

### 2. “... vou ter mais esforço para ser alguéns (sic) em minha vida...”. (ver p. 124)

Nesta a ausência de concordância nominal em “ ser alguéns”, no entanto na língua Kaingang não há uma estrutura subjacente que permite justificar tal ocorrência. Por isso é possível dizer que este caso seja de hipercorreção, decorrente de uma representação equivocada da norma escrita do Português.

### 3. “Não vou sair do aldeia. Quero ajudar todos os Kaingang”. (ver p. 127)

Neste exemplo, encontramos, mais uma vez, um caso de ausência da concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, pois neste caso não houve a concordância entre “do” e “aldeia”, mostrando uma tendência em manter o gênero masculino na escrita, já que para expressar o feminino é preciso um marcador, isso mostra o reflexo da língua Kaingang nessa construção em Português.

### 4. “... lá na aldeia tem um horta medicinal que é bem tratada...”. (ver p. 127)

Para explicar essa ocorrência, retomo a explicação de que em Kaingang não existem artigos e, neste caso, o “um” está sendo interpretado como numeral. Ao notarmos a relação “um horta”, percebemos a tendência em manter o gênero masculino, já que para

<sup>42</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

o gênero feminino seria necessário um marcador.

### 7.2.6 – Texto produzido por aluno da 7ª série / 8º ano – Ensino Fundamental II

#### Escrita de alunos indígenas<sup>43</sup>

1. “ então todo o comunidade ficou preocupado mais graças a deus não aconteceu nada”. (ver p. 128)

Neste exemplo, encontramos novamente a ausência de concordância nominal que pode ser justificada pela gramática Kaingang, pois neste caso não houve a concordância entre “comunidade” e “preocupado”, pelo contrário, comunidade foi apresentada no gênero masculino, mostrando uma tendência a manter esse gênero na escrita, isso mostra o reflexo da língua Kaingang nessa construção em Português.

### 7.2.7 – Textos produzidos por alunos da 8ª série / 9º ano – Ensino Fundamental II

#### Escrita de alunos indígenas<sup>44</sup>

1. “ Eu tenho os meu tios e tias...”. (ver p. 131)

Para analisar esta sentença, em que há ausência de concordância nominal em “meu tios e tias”, é necessário explicar, novamente, que a língua Kaingang expressa o plural no sintagma nominal (mais propriamente, no núcleo do sintagma), mas não há plural nas formas pronominais possessivas, justificando a opção do autor em manter o pronome possessivo “meu” no singular.

<sup>43</sup> O texto de onde foi extraído esse dado encontra-se anexado no final deste trabalho.

<sup>44</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

2. “ ... quero estudar a musculação e os ossos do corpo humano e sobre **a membrana plasmáticas** (sic) e outros tipos de órgãos”. (ver p. 131)

Nesta sentença encontramos a construção “membrana plasmáticas” que também apresenta um caso de ausência de concordância nominal. No entanto, a situação demonstrada é de difícil análise e na gramática Kaingang não existem registros de ocorrências que permitam justificá-la. Por isso, essa ocorrência seja, talvez, apenas influência do ‘s’ de *plasma*, ou uma situação de representação equivocada da norma escrita portuguesa, aliada à hipercorreção.

3. “ para os povos indigena (sic) **ter bom saúde** e muito forte...”. (ver p. 134)

Encontramos, novamente, um caso de ausência de concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, e para isso retomo a explicação já apresentada em vários dados, pois neste caso não houve a concordância entre “bom” e “saúde”, mostrando uma tendência a manter o gênero masculino na escrita, já que para expressar o feminino, em Kaingang, é preciso um marcador pronominal.

4. “... tenho muito orgulho de ser índio (sic) e **adoro os tradições daqui** os cantos e as danças...”. (ver p. 135)

Para explicar essa ocorrência, retomo a explicação do item anterior, já que aqui também está sendo apresentada uma situação de ausência da concordância nominal. Notamos a relação e “os tradições”, que evidencia a tendência a manter o gênero masculino nessa escrita e que também pode ser explicada pela gramática Kaingang.

## 7.2.8 - Textos produzidos por alunos do 1º ano - Ensino Médio

### Escrita de alunos indígenas<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Os textos de onde foram extraídos esses dados encontram-se anexados no final deste trabalho.

1. “... eu vou fazer um faculdade para ser professora do português ...”. (ver p. 136)

Neste exemplo, encontramos outro caso de ausência da concordância nominal que pode ser justificado pela gramática Kaingang, para isso retomo a explicação de que em Kaingang não existem artigos e, neste caso, o “um” está sendo interpretado como numeral. Ao notarmos a relação “um faculdade”, percebemos a tendência em manter o gênero masculino, já que para o gênero feminino seria necessário um marcador.

2. “Eu gosto de ser índios”. (ver p. 136)

Nesta sentença é apresentada novamente a ausência de concordância nominal em “ ser índios”, no entanto na língua Kaingang não há uma estrutura subjacente que permite justificar tal ocorrência. Por isso é possível dizer que este caso seja de hipercorreção, decorrente de uma representação equivocada da norma escrita do Português.

3. “ ... mas se eu tiver uma chances eu sei que eu vou ser ...”. (ver p. 138)

Para explicar esta sentença, retomo a explicação do item anterior, já que para a construção “uma chances”, também não foi possível encontrar um estrutura em Kaingang. No entanto, o que fica evidente nessas duas sentenças (2 e 3), é que esse tipo de construção não é comum em um falante nativo do Português em qualquer variedade.

4. “... vai ser um funcionária terminando só terceiro ano...”. (ver p. 138)

Para explicar essa ocorrência, retomo a explicação do primeiro item, já que aqui também está sendo apresentada uma situação de concordância nominal. Notamos a relação “um funcionária”, que também pode ser explicada pela gramática Kaingang. Mostrando o reflexo da língua Kaingang nessa construção em Português.

Analisando os dados extraídos dos textos produzidos por professores e alunos bilíngues Kaingang, pode-se afirmar que em todas as situações apresentadas é notável uma forma diferente de expressar a concordância verbal e nominal, podendo - se dizer que há ausência de concordância nessas produções. E podemos afirmar, ainda, que esta escrita

difere muito do que é esperado na língua Portuguesa considerada padrão, e até em suas variantes.

Assim, observando essas produções e comparando-as com a língua Kaingang, defendo a hipótese de que a escrita em questão é fruto de uma competência bilíngue e que não pode ser considerada errada e nem resultado de um Português mal aprendido porque tenha sido, por ventura, mal ensinado.

## 8- Considerações Finais

Através da escrita analisada neste estudo, fruto de produções textuais de professores e alunos indígenas bilíngues do Kaingang, observou-se o quanto a produção desses falantes bilíngues é marcada por sua identidade.

É notável o discurso indígena apresentado nas produções e também é facilmente perceptível a necessidade de se mostrarem orgulhosos em suas condições de indígenas, como nesses casos: “eu gosto de ser índios”, “eu adoro os tradições daqui, os cantos e as danças”, “Não vou sair do aldeia. Quero ajudar todos os Kaingang”.

No entanto, essa pesquisa visou analisar as questões de bilinguismo presentes nessa escrita, e os dados estudados também se mostraram muito ricos, apresentando claramente a competência bilíngue desses falantes nativos do Kaingang. Ouso dizer ainda que é possível entender as regras gramaticais do Kaingang, analisando essa escrita em Português, e para isso, apresento novamente esses dados:

“A metodologia do ensino de inglês foram boas ...”, que apresenta a noção de evento múltiplo na ação verbal, justificando a ausência de concordância verbal.

“Foi muito bem trabalhada os conteúdo de inglês ...”, que apresenta a ausência de concordância nominal, lembrando que na língua Kaingang, quanto ao gênero, é preciso um marcador pronominal para as palavras femininas, e também para palavras masculinas/ não-femininas quando estiverem no plural.

“O emprestimo liguisticos (sic) ...”, que apresenta a ausência de concordância e tem a característica de uma língua que faz a marcação na porção direita do sintagma, ou seja, que tem característica de cabeça à direita.

“Vai ser um funcionária terminando só terceiro ano ...”, que apresenta a ausência de concordância, devido ao fato de não existirem artigos definidos ou indefinidos na língua Kaingang, mostrando assim, que neste caso, o “um” deve ser analisado como numeral.

Reforçando, mais uma vez, que a Gramática Kaingang não apresenta concordância verbal e nominal como na língua Portuguesa e que a escrita desses falantes foi produzida num contexto que exigiu, pelos menos, um mínimo de preocupação formal com a escrita, já que foram analisadas provas e produções textuais realizadas em sala de aula, podemos pensar que, certamente, esses casos não são frutos de um Português “mal aprendido”, já que os casos apresentados foram justificados pela gramática Kaingang, e ainda se mostraram impossíveis de ocorrer em Português, mesmo em sua variedade não – padrão.

Assim, podemos pensar que os Kaingang, ao produzirem seus textos em Português, estão criando uma “nova escrita”, apresentando particularidades da ausência de concordância, fruto de sua competência bilíngue.

É interessante, também, lembrarmos o valor que os Kaingang atribuíram à sua língua Ancestral, quando a definiram como um dos marcadores de sua identidade étnica. E vendo a influência dessa língua em suas produções em Português, é possível afirmar que essa “nova escrita” também cumpre tal papel.

Pois mesmo em uma sociedade dominante, que exige como língua oficial a língua Portuguesa, discriminando quem não faz o uso, ou o bom uso desta, e ainda fazendo com que as minorias sobrevivam em meio à miséria, ao descaso e à falta de oportunidades, essa “nova escrita” conseguiu se desenvolver e conquistar um lugar importante nessa sociedade indígena. Por isso, a essa “nova escrita”, autêntica, que se difere pela sua própria forma e seu próprio estilo, denomino como **Português Indígena Kaingang**.

## 9- Bibliografia

- ANDERSON, Stephen R. Grammatical categories. In T. Shopen (Ed.), *Language typology and syntactic description*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1985.
- BAPTISTA, Bárbara O. A pesquisa na interfonologia e o ensino da pronúncia. In Mailce Borge Mota Fortkamp e Leda Maria Braga Tomich (Orgs). *Aspectos da linguística aplicada, estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000, p. 93-113.
- CADOGAN, Leon. El torno al bilinguismo en el Paraguay. *Revista de Antropología*. São Paulo/ São Paulo. FFLCH – USP, vol.6, 1958.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Lisboa: Almedina, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CORBERA MORI, Angel. A língua indígena na escola indígena: quando, para que e como? In Juracilda Veiga e Andres Salanova (Orgs). *Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto da escola*. Campinas: ALB; Brasília: FUNAI, 2001, pp. 160-170.
- CRISTINO, Luciana dos Santos. *Bilinguismo e code-switching: um estudo de caso*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP. Dissertação de Mestrado, 2007.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Kaingáng: questões de língua e identidade. *Liames – Línguas Indígenas Americanas*. Campinas: IEL-Unicamp, 2002, n. 2, p. 105-128.
- \_\_\_\_\_. Concordância verbal de número em Kaingang: algumas pistas. *Liames – Línguas Indígenas Americanas*. Campinas: IEL-Unicamp, 2004, n. 4, p.71-81.
- \_\_\_\_\_. *Elementos para o projeto de licenciaturas específicas (3º grau) para a etnia Kaingang*. Campinas, 2006. Inédito.
- \_\_\_\_\_. Educação escolar e ameaças à sobrevivência das línguas indígenas no Brasil meridional. BRASA IX - New Orleans/LO, USA, 27-29 mar 2008.
- \_\_\_\_\_. *A língua Kaingang*. Campinas, SP, 2006. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org> acesso em: 7 jul. 2008.

- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha; VEIGA, Juracilda. Bilinguismo entre os Kaingáng: situação atual e perspectivas. In L.T. Mota et alii. *Uri e Wãxi. Estudos Interdisciplinares dos Kaingáng*. Londrina: Ed. UEL, 2000, p. 307-326
- DIRETRIZES para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena. Brasília: MEC, SEF, 1993. 22p. (Cadernos de educação básica. Série institucional, 2).
- FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. *Bilinguismo no grupo Arara (Pano) do Acre: sugestões para alfabetização na língua indígena*. Recife: UFPE, 1995. Dissertação de Mestrado.
- FILHO, Florência Almeida Vaz. *Identidade Indígena no Brasil hoje*. Santarém: UFBA, 2006. Disponível em: <http://www.alasru.org/cdaldasru2006/25 GT Florêncio Almeida Vaz Filho.pdf>
- GALL, Olívia. Estado Federal e Grupos de Poder Regionales frente al Indigenismo, el Mestizaje y el Discurso Multiculturalista. In: ZAMBRANO, Carlos Vladimir (Ed.). *Etnopolíticas y Racismo: Conflictividad y Desafíos Interculturales en América Latina*. 2ª ed. Bogotá: Universidad nacional de Colômbia, 2003, p. 49-76.
- GONÇALVES, Solange Aparecida. *Aspecto no Kaingang*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.
- GONÇALVES, Solange Aparecida. *Línguas em contato: Português e Kaingang no Rio Grande do Sul - uma breve discussão*. Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/index.html>
- GROSJEAN, François. *Life wifth two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass.: Havard University Press, 1982.
- KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Prentice-Hall International, 1988.
- LIMA, Denise Martins de Abreu. *O processo de aquisição de língua estrangeira por crianças brasileiras em sala de aula: reflexões sobre a teoria de Krashen*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 1996.

- LIMA E SILVA, Moana. Bilinguismo e escrita em português de falantes nativos do kaingang no RS. Trabalho apresentado no *I Congreso Internacional de Lenguas y Literaturas Indoamericanas*. Temuco, Chile: Universidad La Frontera, 2006.
- \_\_\_\_\_. Produção de literatura em Kaingang: uma contribuição para o fortalecimento das línguas minoritárias. Trabalho apresentado no *16º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- LITTLEWOOD, W. *Foreign and second language learning – language acquisition research and its implications for the classroom*. Cambridge Language Teaching Library, CUP, 1989.
- MAHER, Terezinha Machado. O bilinguismo e o aluno indígena. In Juracilda Veiga e Ma. Beatriz Rocha Ferreira (Orgs). *Desafios atuais da educação escolar indígena*. Campinas: Núcleo de Cultura e Educação Indígena da ALB; Brasília: Ministério do Desporto, 2006.
- \_\_\_\_\_. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In Marilda C. Cavalcanti, Stella Maris Bortoni-Ricardo. *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- MATTOSO, Margot Levi. A ambiguidade do conceito bilinguismo no Brasil. *1º Encontro sobre Bilinguismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre / Rio Grande do Sul. UFRGS, 1982.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. p. 77-8.
- MELLO, Heloísa Augusta Brito. *O falar bilíngue*. Goiânia: ABDR, 1999.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Referencial curricular para as escolas indígenas. Brasília: MEC, 1998
- MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. O que é ensino bilíngue: a metodologia da gramática contrastiva. *Em aberto – educação escolar indígena*. Brasília: INEP / MEC, 1994. n. 63, pp. 35-40.
- MOYA, Gonzalo & LAGO, Jesus. Bilinguismo y trastornos del lenguaje em España. Madrid: Editorial Saltes, 1980.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Etnografía e indigenismo. Sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e o Índios do Pará*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. A Problemática dos “Índios Misturados” e os Limites dos Estudos Americanistas: um Encontro entre Antropologia e História. In: *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999, p.99-123.

- PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. (2 ed.) São Paulo: Ática, 1996. pp.159-199.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. **D.E.L.T.A.** São Paulo: PUC-SP, 1993, v. 9, n. 1, pp. 83-103.
- SANTOS, Raquel. A aquisição da linguagem. FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística: I. objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- SHÜTZ, Ricardo. *Assimilação Natural - o Construtivismo comunicativo no Ensino de Línguas*. São Paulo, SP, 2007. Disponível em: [http// www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br) acesso em dezembro de 2009.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos. Informação preliminar sobre o português falado na aldeia Kamayurá. *Revista de Antropologia*. São Paulo: FFLCH – USP, vol 17, 1969.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos & SILVA, Myrian Barbosa da. Um traço português Kamayurá ( um momento no processo de uma nova língua). *Revista Universitas*. Salvador/ Bahia: UFBA, n. 34, 1985.
- SOUZA, Antônio Rômulo Bezerra & PAIVA, Roberta Farias. *Aquisição da Linguagem à luz do Modelo Gerativista*. São Paulo, SP, 2007. Disponível em: [http// www. filologia.org.br](http://www.filologia.org.br) acesso em dezembro de 2009.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. Los Derechos Indígenas. In: ZAMBRANO, Carlos Vladimir (Ed.). *Etnopolíticas y Racismo: Conflictividad y Desafíos Interculturales em América Latina*. 2ª ed. Bogotá: Universidad nacional de Colômbia, 2003, p. 163- 185.
- VEIGA, Juracilda. *Cosmologia e práticas rituais Kaingang*. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2000.
- VILKE, M. Why start early? In FREUDENSTEIN, R. *Teaching foreign languages to the very young: papers from seven countries on work with 4 – to 8 – years olds*. Pergamon Press, Great Britain, 1979.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso – Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## ANEXOS

### Textos referentes ao item 7.1.2

② Quais os critérios utilizados para, que os indígenas fossem considerados primitivos? Você está de acordo com esses critérios?

a) Sociedade sem escrito.

b) Sociedade com baixo desenvolvimento das forças produtiva / tecnologia

c) Sociedade sem Estado

Não porque as sociedades possuem tecnologia, mas eram diferentes em relação a tecnologia europeia.

③ Do filme visto por os nativos deveriam desenvolver o raio de marimbondes?

## Teste DE ANTROPOLOGIA

### ① O QUE É ETNOCENTRISMO?

é o relato da cultura indígena como um sistema cultural do índio e a sabedoria do índio isto seria a sua própria cultura, a maneira que eles tinham a maneira de trabalhar e considerar a cultura indígena e de ocupar todo o território.

### ② QUAIS OS CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA OS INDÍGENAS FOSSEM CONSIDERADOS PRIMITIVOS VOCÊ ESTÁ DE ACORDO COM ESSES CRITÉRIOS?

Não concordo com isso porque os índios tem a consideração de uma pessoa real, isso seria de desmerecer a sociedade de brasileiros e das relações com a cultura indígena.

- ① Etnocentrismo é a <sup>própria</sup> cultura <sup>como</sup> centro do mundo, quer dizer que <sup>considera o que</sup> <sup>próprio do</sup> <sup>para</sup> <sup>como</sup> <sup>exótico, estrangeiro</sup>
- ② Eu estou acordo com esses criterios porque antigamente os indios viviam livre só Dependia do caça pesca e coletos de fruto. mas hoje os indios deixu nesse costume e hoje os indios ~~se~~ <sup>se</sup> tenta usa a costa dos Branco.
- ③ O filme que nós assistimo foi sobre o que o indios fazia com os filhos deles para depois, Considerar seus filhos como homem. Eles ~~figera~~ <sup>figera</sup> um jogo com os seu filhos para derrubar marimbando quem derrubar tudo seria vencedor.
- Esses foi um prepara para depois, os indios fular orelhas dos seus filhos.

C

### Textos referentes ao item 7.1.3

- Avaliação do curso (Inglês) e da  
Avaliação:

① Ao final do curso, o que você  
acha da metodologia usada  
para ensinar de Inglês?

Para mim foi uma experiência  
nova, porque eu  
nunca tive aula de inglês  
então gostei muito nessa  
aula, com poucas aulas aprendi  
alguns palavras e era lei  
muito importante porque  
eu achava que não aprenderia  
mas com a ajuda do  
colega e professor eu principal-  
mente eu sei alguns mas  
coisa.

A minha participação  
foi mais ou menos porque  
falta mais dar atenção por  
aulas, mas assim mesmo aprendi.

## Avaliação do curso (Inglês)

- 1 A metodologia do ensino de inglês foram boas, mas tenho muito ainda que aprender pois seria o início para ser trabalhado em salas de aulas.

Avaliação do curso Inglês I  
e auto-avaliação.

Foi muito bem trabalhada os  
conteúdos de inglês. A metodologia  
usada pelo professor fez com que  
eu aprendesse mais do que eu  
sabia.

Eu aprendi muito, mais além  
do meu conhecimento, com o  
meu esforço e com a ajuda  
do professor eu consegui  
o que pretendia, e o  
que esperava.

## Avaliação do curso (Inglês) e Sub Avaliação

① Ao final do este curso usado para ensino do Inglês eu aprendi muitas coisas como Traduzir as palavras e os verbos e pronomes. E Porque antes dessa aula eu não sabia <sup>bem</sup> traduzir as frases em Português e em Kaingang, e também aprendi bem o que são as pronúncias. ~~Estava~~ ~~de~~

Eu já entendo bem a inglês do que antes dia atrás. Porque o professor foi bom professor que explica bem para nós.

A participação foi muito bom porque os alunos também foram participativos para aprender o que significa a palavra inglês quando o professor lê para nós. A nosso esforço foi muito grande.

② Sim pois as aulas deu para entender bem melhor, mas no começo nos éramos analfabetos em inglês, mas hoje posso dizer que sabemos algumas coisas.

As metodologias usadas em língua inglesa,  
foram bem. Essas metodologias são para me  
fornecer informação, compreensão sobre a língua  
inglesa. Nunca aulas eu compreendi, entendi  
algumas coisas em língua inglesa. Eu  
procurei não falar as aulas, me esforcei nessa  
disciplina, mas algumas coisas eu entendi,  
e consigo falar algumas em inglês. Esse  
aula foi bom.

## Avaliação do Curso (Inglês e Auto-avaliação)

A metodologia usada para ensino de Inglês foi muito bom. O professor tentou explicar em todos os sentidos ou as forma de ensino. Também nesta aula foram usada a língua Kainjáing.

Eu não sei muitas coisas, mas algumas palavras sei, e vou tentar aprender mais, com o passar do tempo.

A minha avaliação é bom, também quase participei todas as aulas, pois tinha interesse em aprender algo a mais desta disciplina.

No final do curso, a metodologia no ensino do inglês, aprendi muitas coisas. Comecei a base do inglês, aprendi vários métodos de falar, os cumprimentos, os verbos. Afinal sabemos que não estamos se preparando para ninguém para outro mundo e: EUA. Para a inglês as falantes não do EUA. Mas tenho certeza que aprendi várias coisas são: cumprimentos, verbos, pronomes, alguns animais, alguns objetos. Tenho que dentro de 10 dias aprendi alguns palavras inglês. Portanto como estudante de professor tenho que ter noção da fala, eu lição falava pelos outros para, estrangeiros.

Por eu não estava ensinando o aluno aprender falar em inglês, mas como professor tenho que ter noção, de fala para explicar para os alunos.

Participei todos as aulas de língua inglesa, aprendi para aprender alguns palavras. Isto quer dizer que aprendi muitas coisas, aprendi no Korean as verbos, palavras escrito em Korean e inglês.

O ensino de inglês foi excelente.

#### Textos referentes ao item 7.1.4

① Porque as línguas mudam e novas palavras e deixam outras palavras morrer ou desaparecer?  
As línguas mudam porque uns falam diferente mais umas línguas são iguais, umas línguas eles deixam de falar porque os mais velhos morrem e daí os outros vai esquecendo da língua que usavam por isso muda.

② O que é um empréstimo linguístico?  
É uma palavra igual emprestada para outro que tem a mesma língua falada e é igual

③ Porque existem diferenças entre a escrita do Kaingang e a escrita do português?  
Existem varias diferenças entre a escrita do Kaingang e do português. Porque alguns escreve diferente o Kaingang mais também tem alguns iguais, por isso tem varias escritas, e o português também é diferente a escrita

④ Explique o que é digrafia: X  
São letras diferente que são usada na mesma linguagem etc.

1) As línguas mudam por que é necessário, é para acompanhar as expressões que a tecnologia avança no dia a dia das pessoas, por que com o tempo as palavras estão sendo modificadas tanto para abreviar e conforme o diletto de cada região para outro.

2) Emprestimo linguístico é quando as pessoas não está conseguindo encontrar a palavra própria de sua língua em seu vocabulário, é comum nas pessoas mais novos, que não conviveram com as pessoas mais velhas, ex.: as palavras que conhecemos como empréstimos seriam a moira que é bola samû, kasor..etc.

3) A diferença entre a escrita Kanhaq e Português é que o Kanhaq fala muito com os nasais, e por isso usa o m e o n no lugar do B e o D. e nos acentos graficos a letras Kanhaq tem a função de mostrar a pronuncio da letra e no português ela mostra a sílaba tônica, aquela na sua pronuncio lê mais forte.

## AVALIAÇÃO

1. ēg vī ta mudo ke ti mūr emō ū hī ag lōg ag  
vī prunucia ke ū ban tī gē. tī kri jē kar ti kring tōg  
grinke nē. hō ka tō ta espessa keg ke mū.

2. emprestimo é o estudo das necessidades da  
língua como nos pronunciamentos da língua  
falada como no palavras escritas e linguísticas.

3. mūr jōg ag vī pi ta ēg tū hō nūti, hō kī  
ti diferenca ta vēnh ven mū.

Javo karhgag ag vēnhōi ta ū hī tī gē. kē  
kerap ti kri jē kar ti kring tōgrin ke vē.

mū jōg ag vī pi kri jē ~~ke~~ nūti kar pi  
kri hī a nūti gē.

hō ka ag diferenca ta vēnh ven mū ser.

4. Consoante kar vogais ag ta jōg  
nē mrē vōnh vī pir han ge vē.

## RESPOSTA.

1. A língua podem mudar em vários sentidos de escrita e fala portanto é preciso não confundir juntas com as palavras que estão em outras variedades ex: Eu falo um pouco italiano, que quando nasci e vier me falando o idioma então eu me sinto diferente quando sei o estudar em outras coisas na fala de Avic e que muda o som da palavras mas mesmo assim temo que escrever e saber a fon

2. O supletivo léxico é quando se usa uma palavra com outras mas temas que tem fixação a palavras é de ter as palavras com significados aparentes outras palavras e o significados daquela que você fala.

3. As palavras existem diferenças português e Karibó, por que muda o som da fala e escrita ex: papagaio - jôjó, mais não são todo que são diferentes a pronúncia ex: baile - mais.

5. Para não sabemos certas variedades de escrita e que com acentuação gráfica em português. Mas uma Karibó também pode se usar alguns acentos mas com acentos são em diferentes palavras e com som o palavras ex: café - mato, em esta palavras você vê a palavras em português com acentuação gráfica mas em Karibó com outras diferenças.

## Respostas.

18/10/102

1) Porque as línguas mudam?

A língua muda por modo de falar, ouvir, dizer, ver.

2) empréstimos linguísticos são aquele que foi emprestado de letra por letra. X

3) Porque em Kanjigó as letras tem muito acentuação e em português não existe muitas acentuações. Ex: Kanjigó, Pi, Gi, pó, em português: pai, pai, cipo.

4) É duas consoantes que representam o mesmo som das palavras.

5) Porque as letras do Kanjigó são diferentes de português, que as letras de português são diferentes do Kanjigó.

Ex: A. Á. O. Ó. E. É. Kanjigó

Ex: A. B. C. d. Português

### Texto referente ao item 7.1.5

#### Trabalho

1) Escreva um pequeno texto pessoal sobre sua impressão da cerimônia e suas observações etnográficas.

Na minha observação etnográfica foi muito importante para mim, porque antigamente a cerimônia era diferente como de hoje. Porque naquela época os parentes do morto choravam bastante, mas agora não é mais tanto como era, porque maioria são crentes, aí eles sabem que ele vai descansar ~~salvo~~ com Deus. Só quando alguém morrem sem ser crente eles choravam mais, por que eles sabem que ele morreu sem ter o Deus na sua vida para ser salvo.

A mulher do morto fica no meio dos parentes mulheres até que chega a hora da sepultura ela vai até o cemitério para ela ver em que lugar ele vai ficar enterrado. Depois do enterro ela vem para sua casa para fazer dieta dentro de 10 dias, e a mulher Kanaké vai lavar com ervas medicinais por a Uúva e Kanru por isso a marca contrario vai lavar ela com remédio para dar o efeito nela, e se a mulher que tem a mesma marca faz remédio não vai dar certo porque ela é a mesma marca, o jámbé que deve fazer o remédio para ela.

credeal

## Textos referentes ao item 7.1.6

### LINGUÍSTICA E LINGUA KAIINGANG

#### NASCIMENTO

Quando nasce uma criança os índios kaingang corta o umbigo dela, com mais ou menos 3 cms longe da bexiga dela. E quando seca, esse 3 cms que fica, depois de ter cortado ela cai. Então os índios kaingang pega esse, e pega um pamo e enrola, e bota na esteira da casa. Alguns coloca dentro do chão no canto da casa. E isto para eles ... significa alguma coisa. Significa que quando a mãe guarda bem o umbigo da criança, a criança fica certo da cabeça, não tem problema celebrar, faz as coisas com inteligência.

E quando não é guardado bem o umbigo da criança, ela fica chorão, de noite, e quando fica grandinho fica mexeriquando as coisas de dentro de casa. Quando a mãe manda alguma coisa faz tudo errado, tudo pelo contrário.

Os kaingangs também quando nasce uma criança do sexo masculino, eles botam 5 na sua mão. Para que quando crescer tenha aquele coragem de trabalhar na roça, ou botam qualquer tipo de ferramenta que o homem usa, eles bota na mão da criança masculino.

E na criança do sexo feminino eles botam na sua mão qualquer tipo de artesanato indígena seja trança de chopê, balão etc...

credeal

## NOMES

Os nomes indígenas é dada por metade de tribais. Uns é para <sup>o</sup>terminar tal nome daquele que é da mesma tribais, e ou para ter coragem, outo para não morrer logo, outo para trabalhar no velório. Ex: <sup>no</sup>pêj, que significa que só eles podem ir abrir o buraco para o defunto. E todos que ganham o nome de um animal ou de outra coisa que eles dizem que são <sup>no</sup>pêj.

Esses <sup>no</sup>pêj que tem que trabalhar no dia do velório.

## Textos referentes ao item 7.1.7

Antropologia Cultural – Cultura Kaingang

### AVALIAÇÃO

1. O conteúdo foi importante? O que você aprendeu de novo? As aulas foram mais importante que eu esperava. Não digamos que não sabia de nada, mas algumas coisas que a gente tinha de aprender mais, como, *mony*, *na*, *jamé*, *péj*, etc. Mas o mais importante foi a palavra que eu nunca vi pela primeira vez, *Velos* e *Xembetty* através do *na*, não só essa coisa, mas toda aula foi importante.

2. O material didático disponível? Livros, vídeos etc.  
Os didáticos também foram importante, como foi feito nos papel pardo que muito que esclarecer a nos tanto como nome e *na*. A aparelhoenho como espelho para a gente se olhar, foi muito interessante que todo grupo participa como, *Kame*, *Kanhru*, foi muito importante. Tanto como vídeo de para recordar mais conhecimento, de seja, —▷

3. Metodologia e didática do professor?  
A professora tem bom desempenho, relacionando bem com os alunos, a matéria muito bem explicado, esclarecendo bem as nossas dúvidas, fazendo pontas com que a gente aprendesse e ter conhecimento sobre o que os nossos antepassados faziam.

4. O que poderia ser melhor na próxima etapa?  
As aulas que nos tem foram muito bom, foi muito bem dadas, e o que poderia melhor seria dinâmicas, de que como era os brincadeira do passado se fez como igual nos dias de hoje. Para que podemos ter conhecimento e aplicar na sala de aula.

5. Críticas e sugestões diversas.  
Não tenho críticas nenhum sobre a aula, por isso eu digo os aulas foram muito bem, mas os trabalho poderia ser individual, como nos avaliação em grupo um aluno que poderia tirar ótimo, foi tirar bom, porque ai os idéias são tantas não encacham por isso um acaba não fazendo.

## AVALIAÇÃO

1. O conteúdo foi importante? O que você aprendeu de novo?

Sim, eu vi, e ouvi muitas coisas interessantes o resgate da nossa origem ex. Komã, Komou, isto abriu os nossos pensamentos, sobre as comunidades indígenas o valor e a importância, dos rios, cultural.

2. O material didático disponível? Livros, vídeos etc.

Muito bom, os livros apostila de extrema importância e ao olha faz nós lembrar de nosso passado e ter a responsabilidade de trabalhar. o valor e a riqueza das nossa gente, e admiração de ser índios

3. Metodologia e didática do professor?

os objetivos dessa 1ª etapa deixou nós mais ansioso de chegar a onde nós temos pretendendo, alcançar e superar as dificuldades, quando se fala em Kaingang muito bem explicado, ~~com~~ esclarecido, aprofundado sobre os

4. O que poderia ser melhor na próxima etapa? vários etnias, tribos, crenças tudo de bom, e novas pesquisas, muita integração entre os alunos e professores, e que cada aluno valorize este curso, para sua vida profissional, e trabalhar em sua comunidade.

5. Críticas e sugestões diversas.

ouvir atentamente, o que o professor está passando. dar importância estes modelos de aprendizagem

## AValiação

1. O conteúdo foi importante? O que você aprendeu de novo?

Para mim o conteúdo foi muito importante, porque eu aprendi bastante coisas que eu não sabia das culturas dos antepassados por que hoje é pouco usado das culturas indígenas como Kamé e Kamburu por isso tem pessoas que casam com seu primo irmão.

2. O material didático disponível? Livros, vídeos etc.

O material didático para mim foi muito disponível por que eu aprendi muitas coisas que eu conhecia e o vídeo também ajudou muito para "conhecer" as realidades dos outros povos indígenas, só que o livro não gostamos para nós ler só viu as postais para os alunos.

3. Metodologia e didática do professor?

A professora de Antropologia foi ótima professora porque ela explica bem os conteúdos para os alunos e o conhecimento das culturas indígenas.

4. O que poderia ser melhor na próxima etapa?

Eu quero que continue cada vez mais melhor este conteúdo do prof<sup>a</sup> para que eu aprendo muitas coisas que eu não sabia das culturas indígenas.

5. Críticas e sugestões diversas.

A aula da prof<sup>a</sup> Antropologia para mim não foi crítica, por através dela eu vou continuar o ensino das culturas indígenas passando sempre para os meus filhos, para que eles não percam as suas culturas também.

AVALIAÇÃO

1. O conteúdo foi importante? O que você aprendeu de novo?

Os conteúdos dados foi importante, porque aprendemos a conhecer a nossa cultura uma maneira profunda e bem detalhada.

Aprendi a me reconhecer um Kaingang e a compreender melhor minha cultura em relação as metades, os Kupa, os nomes etc.

2. O material didático disponível? Livros, vídeos etc.

Os materiais didáticos foi essencial para melhor aprendizagem e para compreendermos melhor a qual se passava a situação dos Kaingang no passado. e podemos ver e compreender isso nos vídeos.

3. Metodologia e didática do professor?

A Metodologia da professora é elaborada de uma maneira em que os índios viviam, como eram conhecidos, como era relacionados de uma cultura e a outra, as metades quais a importância destas para os Kaingang. Então a Metodologia e a didática foi bem questionado e explicado pela professora, então importante.

4. O que poderia ser melhor na próxima etapa?

A Metodologia sobre os Kaingang bem mais aprofundada. Como histórias, mitos, etc.

5. Críticas e sugestões diversas.

Melhorar as condições da sala de aula,

Melhorar os horários de aula.

Melhorar os transportes pelos horários de aula.

AVALIAÇÃO

1. O conteúdo foi importante? O que você aprendeu de novo?

Sim, como eu já sabia um pouco da cultura tradicional, com essa oportunidade ~~consegui~~ aprofundar mais meus conhecimentos sobre as costumes nos Reservas Kaingang, a heridade que tínhamos sobre o mestrado tem alguns detalhes ainda, espero adquirir mais conhecimento sobre os Kaingang na próxima etapa.

2. O material didático disponível? Livros, vídeos etc.

O material didático também foi muito bom, principalmente os vídeos porque passando para os alunos ou família seria um bom aproveitamento, sobre mais da cultura antiga, que em alguns aldeias já foi esquecida, principalmente na cozinha, e lembrando no quando alguém de fora faz lembrar, o livro também foi bom, pois aprendizado do professor, ou futuro.

3. Metodologia e didática do professor?

No geral foi muito bom trabalhar, com professora compreensiva, tem o amor do que está fazendo ou seja trabalhando em sala de aula, trabalhar com apostila foi um rendimento

4. O que poderia ser melhor na próxima etapa?

Na próxima etapa espero ter organização em sala de aula, não ficar todos divididos na sala, porque assim todos não <sup>podem</sup> explicar da professora, devemos nos organizar para quando estivermos em sala de aula com crianças, a questão das conteúdos não tenho nada a dizer está tudo bom porque 80% consegui entender, pretendo estar com mais de compreensão na próxima etapa.

5. Críticas e sugestões diversas.

Trabalhar com os colegas também foi bom mas devemos ser compreensivos na próxima etapa para que as explicações compreendidas seja o mesmo porque a professora nos fundo, os da frente não ouvem porque nada espero o melhor, também alguns burocracia para não ser consativo,

## AValiação

1. O conteúdo foi importante? O que você aprendeu de novo?

Para mim todos conteúdos foram bons bem explicado  
Pode melhorar a minha aprendizagem ali aqui sobre  
a minha origem. . .

2. O material didático disponível? Livros, vídeos etc.

Os materiais que foram passado para nós são de  
boa qualidade que servir para obter meus conhecimentos  
que foi muito importante para mim.

3. Metodologia e didática do professor?

Os materiais do professor foram bem aplicado.  
Para nós por isso que deu pra entender o que que  
a professora queria nos explicar, eles foram bem  
muito bem dialogado que cada um pode entender.

4. O que poderia ser melhor na próxima etapa?

Já que nessa etapa foi muito bom espero que  
na outra seria mais melhor ainda, por cada vez  
que melhora é melhor pra nós, então quero  
que na outra etapa seja mais boas.

5. Críticas e sugestões diversas.

\* As aulas foi boas.

\* Os colegas e o professor ~~se~~ realizaram  
muito bem.

\* O espaço do ~~delegio~~ é muito bom.

## Textos referentes ao item 7.1.8

a palavra comprida, mas sem com u...

Kaikū é o nome japonês, que não pode conter com a mesma palavra, tendo sim com a palavra comprida. E o espírito dos Kami não mais ALTO dos Kaikū.

2) Ser que eles tinham os espírito mais forte, que podiam expulsar os espírito dos mortos. E tinha mais gente por isso.

3) A importância é que Kami poderia ter outro e Kaikū, também outro, isso era as tradições e rituais deles, e ninguém poderia ficar com nome em Kaikūgō, e o nome poderia significar também a força deles.

4) O trabalho de Kujō era de curar as doenças, infirmitades, Também combater das doenças que estão para vir, a missão no sua vida, também o trabalho dele. Também ~~era~~ nos festa, nos cerimônias.

5) Os animais que sobreviveu os Kaikūgō não os sacrificava, que truchava terra e o, água se moviam lentamente.

6) Aproximadamente coisas solue é no 107 e no 117. E como poderia se corrom, e quem não poderia se corrom, também se solue as divindades, que pode ser a 30 dias se vacantes de 7 dias. O Kami era de 30 dias, de Kaikū era 7 dias que poderia ter um seu Pōkai. Então os outros foram tão especiais, poderia ter colocado prosse ~~primeiro~~ um.

## AVALIAÇÃO - ANTROPOLOGIA FINAL

### Prova B

1. Quais são as características físicas e de temperamento de Kamê e Kaïru?
2. Por que os inhetkymby não seriam enterrado no cemitério?
3. Qual é a importância e o significado do nome para os Kaingang?
4. Qual é o trabalho dos Kuiã ?
5. No mito Kaingang quais são os animais que ajudam eles a se salvar do dilúvio?
6. O que você aprendeu de importante nessa disciplina de Antropologia?

As Resposta

estão no verso

A importância que essa disciplina me deu é que eu estava bem confuso com que foi comentada mais esclareceu para mim pois a marca era muito importante como de Kaïru e de Kamê e no nome que achei mais interessante pois o meu filho foi uma velha que deu o nome de Kamê e ele tinha a marca de Kaihukrê e aquela velha me disse que ele não ia ficar deente pois tinha o nome de Kamê e seria um menino forte e bom, mais só que ela não falou que ia ter duas marca como do nome e da propria marca então eu gostei muito dessa aula eu vi que o meu filho tinha duas marca como de "raí ror" e "rá téj" e por isso foi muito importante.

Rua São Francisco, 501 - Cx.P. 560 - Ijuí - 98.700-000 - RS an aula!

Fone: (055) 332 - 7100 - Fax Reitoria: (055) 332-7100 (ramal 333) - PABX: Fax: 332-9100

nome e yuame / <sup>1.1.1.1</sup> Kairu pequeno - rajado, cheio <sup>1.1.1.1</sup> de inicial

- 1) A característica do Kame é que depende do pai pois o pai dele é Kame que tem a marca de rá téj que o Kame tem o seu direito de se casar com a Kairukrê e com a Kaira pode gerar um filho de Kame. É o Kairukrê também é o filho de um pai que é com a marca de rá ron de Kairu, e que pode casar com a Kame que é da rá téj. então o Kairu tem que procurar o seu sogro e o seu jasmré com a marca de rá téj que pode ser o Kame. e se ele for atroz da outra que da mesma marca aí não pode dar certo porque ela pode ser nêgre dele pois tem a mesma marca.
- 2) porque se for mais Cgajero o resto do povo ia acabar falecendo por isso os pei tinha interar aquela pessoa no outro lugar, pois são perigoso para os filhos deles só se ele for trocã de nome aí podia ser interado no camã
- 3) Significa que o nome é importante para os Kaingang porque era nome dado pelo pei com a marca de rá téj e de rá ron ou pela Kujá ou pelas pessoas mais velho que pode ser da Kairu se a criança for Kairu e se a criança for Kame pode ser da mesma marca ou se acaso o Kame dar nome para o Kairu ele pode dar o nome de Kame só que a criança vai ter duas marca.
- 4) O trabalho do Kujá era de cuidar pessoas da sua comunidade como de crianças e adultos que ficam doentes ou que morrem, os Kujá tem todo o seu direito de cuidar as pessoas como nas rezas, rituais, crenças e os costumes que os Kaingang tem quando alguém está passando um luta ou alguma enfermidade.
- 5) O dilúvio os que ajudaram a salvar as almas das pessoas foram de Macaco e de bugiu onde os se apartaram e no serro onde surgiu as marca de Kame e Kairukrê onde eles conseguiram a produzir um novo animal

## AVALIAÇÃO - ANTROPOLOGIA FINAL

### Prova B

1. Quais são as características físicas e de temperamento de Kamê e Kaïru?  
Os Kamê, tinha mais resistência em qualquer atividade, ao contrário dos Kaïru. Kamê são altos, tanto espiritualmente.
2. Por que os inhetkymby não seriam enterrado no cemitério?  
É porque eles seriam capazes de atrair mais gente para o cemitério, ou seja poderia morrer gente da aldeia.
3. Qual é a importância e o significado do nome para os Kajangang?  
A importância do nome seria para a identificação de parentesco. e também significam o Kamê e o Kaïru.
4. Qual é o trabalho dos Kuiuã?  
Eles rezam em cerimônias, rezam em festa do tiki e os atos lunares, rezam pelos doentes, ele pode ser a salvação dos índios.
5. No mito Kajangang quais são os animais que ajudam eles a se salvar do dilúvio?  
No mito do aré: os que ajudaram foram o Sapaxuxú e o Saracura e também os patos que conduziram o aré terri.
6. O que você aprendeu de importante nessa disciplina de Antropologia?

Nesta disciplina aprendi que os índios Kanhgag eram rico em tecnologia, naturalmente, eles eram sábios, tinham uma vida muito diferente dos brancos.

Os Kanhgag tinham um visão sobre o mundo que viviam. Porque depende o nome que o Kanhgag tinha, eles perceberia que era seu fãme ou regre, ou se o índio era pëin, Kuiuã, Ihÿ, Kósin, Kakra. É agora no estudos que nos fizemos sobre os de xapeco, vimos que existe outros tipos de ra: rá regre, rá téj, rá ror, Vejēnky, jēnky my, rator rá dor. esses por exemplo e coisas novas para nós.

Rua São Francisco, 501 - Cx.P. 560 - Ijuí - 98.700-000 - RS

Fone: (055) 332 - 7100 - Fax Retoria: (055) 332-7100 (ramal 333) - PABX: Fax: 332-9100

Outros que fiquemos sabendo, é que temos nos respeitamos conforma as metades, e que antigamente quando casavam o noivo ia com a noiva, esses não acerte de mais em nossa sociedade...

## AVALIAÇÃO - ANTROPOLOGIA FINAL

### Prova B

1. Quais são as características físicas e de temperamento de Kamê e Kaïru?  
10 AS características de Kamê tem bastante diferenças com o Kairu porque o Kamê anda sempre alegre e o Kairu tem marcas comprida e o Kairu é diferente ele é calmo quieto e sua marca é diferente.
2. Por que os inhetkymby não seriam enterrado no cemitério?  
10 Porque o inhetkymby tem os espíritos muito forte e por isso eles intera inhetkymby sozinho.
3. Qual é a importância e o significado do nome para os Kaingang?  
05 A importância do nome para os Kaingang é muito bom porque os nomes em Kaingang tem varia significado de um nome do um velho guerreiro ou nome de um mais profundo nome de alguns remédio.
4. Qual é o trabalho dos Kuiã?

Atrás

- ~~5~~ 5. No mito Kaingang quais são os animais que ajudam eles a se salvar do dilúvio?  
No mito Kaingang os animais que ajudam o Kaingang é o tigre, leão e outros animais maiores.

6. O que você aprendeu de importante nessa disciplina de Antropologia?

Nessa disciplina de Antropologia eu aprendi muitas coisa e por outro lado aprendi as marcas Tribal a diferença explica tudo as minha dúvidas sobre Kamê como funciona as marca do Kairu e como funciona as marca Kairu, e como podemos conhecer os nossos parente e como podemos conhecer os nossa família ou Kacé.

E ao final esta aula foi muito bem explicado, e para mim parece crescer a minha visão, mas outro lado a minha dúvidas era fácil de entender falar e não é perguntar um pouco.

4- \* Todos os guerreiros <sup>secos - em -</sup>  
por desobediência X Para os que resgatam as  
almas que se perdem  
de seu corpo

\* Servidores

\* limpar o cemitério

\* No Kibse

\* Buscar mel

\* Vai avisar os outros aldeias

\* Fazer o konkej.

\* Derubar os arvores arrastar pela aldeia e esconder

\* Fazer fogo.

10

## AVALIAÇÃO - ANTRPOLOGIA FINAL

### Prova A

1. Quais as principais divisões da sociedade Kaingang?

Kamé, Kaitu, Votor, Jênky my

2. Qual são as funções dos peini?

Funções dos peini, era de cuidar do bem estar do  
tejadores e a marca as sepulturas de mortos recentes e outros

3. O que são os rá rengre?

Kamé, Kaitu

4. Quais foram os animais criados por Kamé?

Kamé tigre, cobra e outros  
raijy: tu mandu, cavalo e bois e outros

5. O que é etnocentrismo?

É ter a própria cultura  
ou etnia com centro e os outros são principais.

6. O que você aprendeu de importante nessa disciplina de Antropologia?

Para mim foi muito importante aprender  
muitas coisa sobre nossa marca, e a funções  
de cada marca, o que cada um pode fazer.

Aonde que agente pode explicar melhor  
para os nosso alunos e outras pessoas  
então aula de Antropologia para foi  
bem explicado.

## AVALIAÇÃO - ANTROPOLOGIA FINAL

### Prova B

1. Quais são as características físicas e de temperamento de Kamê e Kaïru?
2. Por que os inhetkymby não seriam enterrado no cemitério?
3. Qual é a importância e o significado do nome para os Kaingang?
4. Qual é o trabalho dos Kuiu ?
5. No mito Kaingang quais são os animais que ajudam eles a se salvar do dilúvio?
6. O que você aprendeu de importante nessa disciplina de Antropologia?

\*Resp.(1) A característica Física do Kamê é que eles são mais miúdos, Pequenos. O temperamento é são mais bravos, só desistem fáceis de Pressão de uma luta. O Kaïru ja são mais cautelosos, e não desistem fáceis uma luta.

\* Resp. = 02 = Eles não gostam de ser internados  
Por que eles Para não jogar que  
os espíritos Podem causar alguma coisa  
de mal ao morto. Por isso que eles queimam  
e comer a cinza. X

\* Resp. (03) A importância do nome Para os  
Kanhagá é Para identificar que  
ele Pertence a um grupo indígena, e acham  
bonito este nome. Antigamente eles pen-  
savam que ele tivesse uma função através do  
seu nome. E: ... que foi falado o índio gavóg do  
guarita.

\* Resp. (04) O trabalho do Kuidá é: Prever  
doenças, e lavar as crianças com  
Ervas medicinais, Para não Pesar a doenças  
e curar crianças ou mesmo os adultos de  
algumas doenças, através de Promessa. E Tem um  
Prazo determinado Para pagar essa Promessa. E faz  
uma festinha Para aqueles que foram curados.

\* Resp. (05) São: a saracana o Pato Palmeira.

\* Resp. (06) Eu acho que tudo o que nós aprendemos  
é importante. Um foi entender o texto  
sobre o desenho. E a apresentação dos trabalhos  
na frente, como contar o que foi lido no texto.

## Textos de alunos indígenas

### Textos referentes ao item 7.2.3

- EU APRENDI MUITAS COISAS BOAS COM O PROFESSOR PROERD  
O DE SER O PAI É NÃO FUMAR É NÃO TOMAR BEBIDA É DEICAR DA  
BEBIDA NÃO OSAR O CIGARRO CAUSA DIFICULDADE RESPIRATÓRIA E TONTURA  
O FUMO COLOCA EM RISCO A SAÚDE DAS PESSOAS QUE NÃO FUMAM, MAS QUE ESTÃO EM  
LUGARES ONDE HÁ FUMANTES.
- EU APRENDI QUE NO BRASIL, A VENDA DE PRODUTOS À BASE DE TABACO PARA MENORES DE  
18 ANOS É PROIBIDA.
- EU APRENDI QUE O CIGARRO É UMA DAS PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE QUE PODE SER  
EVITADA EM NOSSO PAIS.
- MAIS DE 200.000 PESSOAS MORREM DE CAUSAS RELACIONADAS AO CIGARRO A CADA ANO,  
NO BRASIL
  - A MAIORIA DELAS COMEÇOU A FUMAR ANTES DOS 18 ANOS.
- EU APRENDI QUE HÁ MAIS DE 4.700 SUBSTÂNCIAS TÓXICAS NA FUMAÇA DO CIGARRO.
- EU APRENDI QUE O CIGARRO É A CAUSA MAIS COMUM DE CÂNCER DE PULMÃO.
- TAMBÉM A PRINCIPAL CAUSA DE CÂNCER DE BOCA, GARGANTA, OXÍGEO E RIM.
  - O FUMO LIVRE DE FUMAÇA (RAPE, FUMO DE MASCAR) PODE CAUSAR CÂNCER DE BOCA,  
PERDA  
DE DENTES E OUTROS PROBLEMAS DE SAÚDE.

## Redação Proerd

O Proerd poderá lhe ajudar a tomar decisões no seu futuro

Os adolescentes ainda estão em crescimento por tanto o álcool é mais prejudicial a eles do que aos adultos e interfere tanto na aprendizagem como no desempenho na prática de esporte.

A mistura do álcool é perigoso.

Você não deve comprar bebida alcoólica se tiver 18 anos de idade.

O álcool deixa o cérebro e o corpo mais lentos.

fumar maconha causa problema respiratórias

fumar causa câncer de pulmão.

O cigarro causa dificuldade respiratória e tosse

O cigarro é uma das principais causas de morte no Brasil



lição 11

17-13-09 exercícios sobre o álcool

uma garrafa de cerveja contém a mesma quantidade de álcool que um copo de vinho o álcool se lhe para mal se for você que estiver bebendo grandes quantidades de álcool não levam ao coma nem à morte o desempenho escolar é afetado pelo álcool há várias maneiras de se digirir naõ a bebida você pode portar ou comprar bebida alcoólica se tiver 16 anos quase 85% dos jovens relatam não usarem frequentemente álcool misturado o álcool com outras drogas ou medicamentos é mais danoso o álcool deusa o cérebro eo sistema nervoso central mais adultos acima de 18 anos têm permissão legal para tomar álcool exceto quando estiverem dirigindo o álcool afeta o corpo em crescimento de um adolecente mais do que o de um adulto

Fatores relacionados ao uso de maconha

a maconha pode causar dependência

há mais alcatraõ na fumaça da maconha do que na fumaça de cigarro usuários de maconha apresentam maior risco de câncer a fumaça da maconha contém 50 a 70% a mais de alguns produtos químicos cancerígenos do que a fumaça de cigarro é ilegal no Brasil

Fatores relacionados ao fumo

no Brasil a venda de produtos à base de tabaco para menores de 18 anos é proibido se você fumar os venenos contidos no cigarro podem afetar a sua aparência pois o fumo resseca a pele e causa rugas amareladas os dentes e causa mau hálito o cigarro causa dificuldade respiratória e tosse crônica o fumo causa desidratação pode ser difícil praticar esportes se você fuma o fumo coloca em risco

a saúde das pessoas que não fumam mas que estão em

lugares onde há fumantes?

Modelo de Tomada de decisões Propra

Rótulos de advertência sobre os cigarros

Fatos sobre cigarros, fatos sobre a maconha

Fato sobre o álcool, fato sobre inalantes

quem usa a Droga é agressivo

fuma causa problema respiratórios

os fumantes contraem mais resfriado e

problema das vias aéreas superiores

fumar causa doença cardíaca.

o Proed nos ensinou a ficar longe dos

Drogas e o Bedecer os Pais e não de se-

bedecer os Pais.

11/11/09

Primeiro lugar Eu quero agradecer

ao Sargento Alfredo onde se nos

ensinar a não usar Droga

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DE ENSINO FUNDAMENTAL  
KANHRÂN RÂN FÃ LUIS OLIVEIRA  
VENTARRA ALTA/EREBANGO/RS

Série 4º

no dia há, há comido seu novo michelê, estou indo para escola  
com meu gato seco temos huites recontado de caibós sua terra  
era que meu do paulo pede me levar para caibós o meu  
por que eu há comido o meu do meu no cidade

Antes de conhecermos aos índios os povos indígenas do  
Brasil desconheciam a leitura e a escrita há existia  
escolas nas aldeias para os índios indígenas que  
ministravam a língua da tribo e a língua portuguesa

# Os índios

No nosso estado temos costume de coçar  
kotu e vaches e quele e várias  
animais e fazemos artesanatos  
e peças. comprar e vender  
alimentos para nossa família.

Desde pequerrinho conhecemos o  
mato e desde então carregamos  
a coçon kotu como lembranças e  
devemos cuidar dos kotus para  
não acabar com eles

Essa é a minha história  
sobre o índio?



Nã nossa aldeia  
nos .sunda  
morra costume para para  
dia de aman. amanha  
o futuro do morro filho

Noz nossa aldeia  
sunda .mes uronias  
mota eras medicinais  
certuni nao deitno  
clucar de urai

E.E. Indígena Almerão D. Nunes

serie 3ª Serie Idade 53 dia 19 de novembro

Um sonho é ser uma professora para eu dar aula para os Alunos para eu aprender  
os Alunos que eu aprendo tudo que eles querem aprender muito que aprende  
das vezes tem muito preguiça de escrever os Alunos eu quero da Allá para os  
Indio das vezes eu dou fisica para os Alunos quando eu do fisica eles  
ficam muito passivos para eles brincar das vezes que eles brincam  
bastante que as meninas não brigam que elas brincam bastante  
eu dou Allá de manhã e de tarde para os pequenos

E.E. Indígena Almerino D. Luna

Serie 3:

Idade 6 anos

do meu sonho eu quero ser doctora para cuidar dos pacientes  
quando eu sou ser uma doctora muito inteligente.  
Eu quero cuidar dos meus pacientes para ter uma boa saúde  
quando eu ser uma doctora para cuidar da saúde dos pacientes  
como ser a que doctora cuida dos pacientes mas pacientes muito  
doctora para cuidar pacientes que são muito  
uma doctora para cuidar dos pacientes

relevo

3ª Série

nos temas que apontar a  
língua por é muito tempo  
tanto assim não apontar  
a margem de estar dentro  
de plástico daí que nos  
alguns da escola foram  
aponta língua para a periferia  
da cidade mas nos  
apontamos bastante no  
fundo até a periferia da  
cidade onde que eles tem  
fazenda igreja e achou  
um pouco da periferia  
da cidade

nos temas resoluções  
na fábrica as tra  
percebe sem fazer  
um almoço para  
certos todos mundo  
tem que ir almorçar  
na escola tem que fazer  
pratos melhores  
e separamos para  
almorçar



Textos referentes ao item 7.2.4

As Borboletas

Uma vez as borboletas que voava sobre uma floresta  
as borboletas eram tão lindas e de todas as cores e uma  
diferente das outras. elas voavam sobre as flores perfumada  
no meio da floresta tinha cachoeira altas e muito Bonitas  
as passáras cantavam e voavam de um lado para o outro  
tinha animais e bichos de todas as tipos, eram todos lindos  
as águas eram muito Bonitas e suís.  
um dia eu fui passar na floresta quando eu  
estava passando eu vi as borboletas voando  
elas eram tão lindas fique ali mesmo para aqueles  
borboleta esta me divertindo parece que eu esta no céu.





## Poesias



Oi querido professor, eu gostei  
muito de voce voce foi tudo pro  
nos nesse vida eu te amo  
voce e uma bratalhona e um  
querido os seus olhos brilham  
voce e muito linda voce e igual  
a rubio eu gosto muito deo <sup>qualis</sup> tal  
Maneira professora querido voce  
e uma rera, pra mi professoro  
eu gosto de voce muito eu nao  
quero que voce partice  
eu quero que voce ficase pro sempre,  
com as pessoa que te amam,  
por que agente amo voce  
agente te tratam com carinho  
com amor com sinceridade

Eu sou ~~um~~ eu tenho orgulho

de ser índio ~~mas quero ser~~ e ser

agricultor. No futuro quero casar com

um índio e continuar com a nossa

cultura

Textos referentes ao item 7.2.5

Mais uma vez eu estou escrevendo uma história, mais não sobre mim nem sobre a reserva indígena. Existia um outro cacique o nome era Luis de Oliveira, ele era o comandante da área só que ele teve um denga e ele foi pro hospital e morreu agora, então te outro cacique o nome dele é Leonel das Neves Brito. A área é linda, e tem casas um perto do outro e todo o que morar aqui se conhece todos se ajudam quando precisam de algo como por exemplo quando alguém tá doente, nos temos o remédio por perto e só ir no matinho ali perto que você encontra o que precisa como para alguma dor que você sente.

## Sonho

o meu sonho é ser Professora de Artes e Ensino Religioso  
o gosto muito de ser Professora e vou  
ter mais esforço para ser alguém  
em minha vida e quero este sonho  
realizado para mim ser profe de  
muitos alunos e quero ser uma profe:  
mais boa sinta para todos os alunos  
e luto para realizar o meu sonho  
sonhar é uma grande maioria para  
muitas pessoas e muito pensam  
que um dia ser alguém para ser  
Feliz e não ter filho antes de realizar  
o sonho sonhar é bom e vamos sonhar  
cada dia mais vamos sonhar  
mais ainda e lutando para ser  
alguém da vida ser profe ser  
bom e ser feliz com sonho  
realizado

## o meu sonho é

o meu sonho é ser um grande jogador de futebol quero jogar para os times grandes como o internacional pois ser o time do coração mais quero jogar quero ouvir o meu nome pelo o torcedor quero jogar contra times com jogadores grandes jogadores esse é o sonho de ser um jogador e jogar no Manchester United

## ! Solo e ununo!

Eu sou a \_\_\_\_\_ tenho 15 anos, sou morena, tenho cabelos pretos, olhos castanhos, minha altura é de 1,52, estudo no colégio G. E. Eusébio Nêcio Cláudio Antônio Beringnir. Eu amo ser diátria pq através disso aprendemos muitas coisas, e várias línguas. Nós índios saímos por vários lugares, conhecemos outras áreas que ~~o~~ ~~se~~ falamos a mesma língua, e também fizemos muitas amizades com outras pessoas. Minha família é a única coisa que me fez lutar e não desistir do meu sonho. Quero terminar o 2º grau e fazer faculdade de medicina e seguir em frente que a gente consegue, por mais que eu seja da reserva nunca deixarei de ajudar os meus amigos; que fiz na área. A língua Kaingang nos ensina a ~~se~~ mostrar q nos índios não temos vergonha de ser o q agente é.

Só isso por hoje. Beijos e abraços

EU me chamo \_\_\_\_\_ e eu morei lá no Aldeio  
Posto Indígena Carriteiro eu sou como índio Kaingang. O meu  
familia também é Kaingang. Gosto de estudar e se divertir  
com meus amigos gosto de falar minha língua. Tenho  
Muito gosto de fazer artesanatos como cestos, cocais.  
Quando eu nasci o meu bisavô me deu um nome  
em Kaingang que é "gãnh" que significa cabelo.  
Lá no aldeio quando chego no dia 19 de Abril os índios do  
aldeio fazem uma festa para toda a comunidade eles representam a  
dança.

Quando eu terminar meus estudos quero me formar  
em medicina. Não vou sair do aldeio. quero estudar  
tudo em Kaingang

É o meu maior sonho é conhecer vários aldeios do mundo  
tudo. Lá no aldeio tem um posto medicinal que é  
bem tratada. Lá também tem o farmácia. e o salário  
eu gosto de escrever músicas do Banda Afonvi. e também  
sou fã do Bando.

## Textos referentes ao item 7.2.6

O Boxer dos amigos  
Um dia eu e meus amigos saímos para  
posse de carro e moto isto se chamava  
LUIZ Fernando  
então nos saímos com o carro do número  
do Luiz então ele me convidou  
para nos ajudar a lavar o carro e então  
eu convidei os meus amigos Junior Yare  
e o ~~Estevam~~ e o Luiz Adriano  
então nos fomos ajudar ele a lavar o  
carro então quando nos acabamos  
de lavar nos fomos do lado norte  
pelo aldeia e no caminho encontramos  
nos o nosso amigo Felipe  
e nos convidou ele para entrar  
e então ele entrou com no carro e  
então nos fomos para todo o  
o Luiz me convidou para dar uma  
volta e nos convidou o Junior e o  
Yare então quando nos fomos no  
estrada que liga a aldeia com outra cidade  
então de repente o 1º macho o 2º o 3º e o 4º  
então nos fomos bem dentro o volta  
e no volta foi o mesmo coisa o no desejo  
de perder o controle do carro e então o carro  
caiu e então ~~tudo~~ a comunidade ficou  
preocupado mais porque o Deus não  
acertou nada.  
o Luiz perguntou sobre o acidente bem eu respondi  
sim e eu fui para fora do carro e eu me apa-  
lhei já o Junior perdeu um dente e Yare machucou  
o olho nos todos nos estamos bem

Série 4<sup>o</sup>

Falo e escrevo Kaingyag

# PESCA E CAÇA

Eu e Meu irmão fomos pescar lá no rio dos índios. pegamos muitos peixes fomos mas para buscar do rio mas vimos uma cobra bem grande daí fomos depressa da água mas pegamos muitos fomos para casa. Chegando em casa contamos para ela que vimos uma cobra lá no rio

## CAÇA

Um dia eu e Meus tios fomos caçar em Mourão Branco lá nos vimos muitas coisas tatu, viado, lebre, mas nós estamos comentando quando um cocho do Meu tio botou quando fomos ver era um tatu matado, Mas Meu tio pegou o tatu, daí nós fomos para nossa casa

## A HISTÓRIA DO MEU COELINHO

A HISTÓRIA começa no meu aniversário quando meu pai me dá de presente um coelinho. ele é muito bonitinho tem o pelo bem branquinho e eu mesmo ele brincar ele tem o casinho dele come bastante cenoura.

Quando eu chego da escola já vou direto para olhar ele se ele está bem quando ele me vê ele fica muito feliz começa brincar e eu levo ele para passar levo e ele no meu quarto quando vou fazer meus temas ele fica ali perto de mim em silêncio quando chego a noite eu levo ele para dormir no seu casinho eu gastei muito do meu coelinho e sou muito feliz.

## Textos referentes ao item 7.2.7

### PROJETOS PARA O FUTURO.

Eu tenho 15 anos eu moro no centro do país eu tenho meu pai e minha mãe e tenho 3 irmãs, tenho bastante primos e muitos parentes, tenho o meu avô

Eu tenho os meus tios e tias, o meu pai sempre diz para mim estudar e eu sempre escuto os seus conselhos e por isso que eu quero terminar os meus estudos e depois quero fazer uma faculdade para medicina. e o meu sonho sempre foi ser uma médica e quero fazer o possível para realizar o meu sonho e porque eu quero ser médica e para mim cuidar dos adultos a parte que eu quero estudar a muscular e os ossos do corpo humano e sobre a membrana plasmática e outros tipos de órgãos.

É isso o projeto para o meu futuro.

# Como Ser Índio

Como índio he um sintoma  
filos. seu índio camuflado  
gulos. ~~Como índio~~  
ser índio e bom porque  
os índios vivem em  
resistência um ao outro  
confia em um ao outro.

Ano = 2009  
CIPLINA = PORTUGUÊS

Eu tenho orgulho de ser índio  
eu me sinto feliz de ser índio.  
eu me sinto diferente dos outros  
sem brincar que querem ser índios  
como nós. eles dizem que é bom de ser índio  
querem saber falar a nossa língua.

Idade: 16    Série: 8ª

Fato

DATA: 16/11/09

Curso: Português e Inglês

Projeto: Para o futuro

O meu nome é

o meu futuro

e sou médico aqui na aldeia cuidando  
dos povos indígenas.

Para os povos indígenas ter bem  
saúde e muito forte, e também  
dar muito carinho aos povos indígenas  
que sempre vive na mesma aldeia

sempre. E dando medicamento certo  
contra a gripe para não ser  
contaminada para os povos  
indígena ter muitos anos de vida,

de eu ser médico dentro da aldeia eu  
ficaria feliz. O meu futuro é ser  
médico dentro da aldeia. Para  
não ficar perto da minha família.

Série 9ª série

## Musica História

Eu nasci em 1995 dia 15 de maio primeiro eu nasci em faz do iguaçu e depois me quisito no setor unico em Ijuí e agora estou morando no Ventarra tenho três irmãs a Debora, Luciana e Leci eu tenho muito orgulho de ser indio e adora as tradições daqui as cantos e as danças minha Mãe faz enformagem e o meu Pai faz direito minha mãe que, que eu faço enformagem e o meu pai que, que eu faço Direito eu quero fazer cursos destruico algum dia eu quero dar aula para alguns indios depois dar lugar maravilhoso meu sonho é ser mais parantes quando eu me formar indo e chegar ao topo da vitória e também ter três filhas e cuidar dela como mais pai cuidar de minhas com muito carinho amor e poder ser a meu filha se for morado como eu.

## Textos referentes ao item 7.2.8

Eu sou da área Indígena de Zigeiro  
eu estudo na escola de Ensino Médio,  
Inglês de Souza.

Eu como Kaingang, eu gostaria muito  
quando eu terminar o ensino médio  
eu vou fazer um faculdade para  
ser professora de Português. Um  
sonhar e estar dentro de uma  
faculdade cursando o meu sonho  
onde eu tanto quero estar  
cursando. O minha faculdade para  
professora no futuro. Um dia está  
dando aula onde que eu fiz  
o ensino Médio.

Eu quero que os meus sonhos  
viram realidade e verdade. Eu  
tenho gosto de ser índias  
eu falo em Kaingang e escrevo  
em Kaingang.

## O MEU SONHO É SER ALGUÉM.

QUANDO EU TERMINAR NO MEU ESTUDO, EU QUERO ESTUDAR MAIS PRA FRENTE PARA SER ALGUÉM NA MINHA VIDA.

PORQUE MEU SONHO É SER PROFESSOR DE INFORMÁTICA PARA ENSEJAR ALGUM ALUNO DE OUTRA ESCOLA, E PARA DAR AULA PARA QUEM QUER ESTUDAR NA MINHA DISCIPLINA. PORQUE MUITOS ALUNOS NÃO GOSTAM DO MEU SONHO QUE VÃO REALIZAR. QUANDO EU TERMINAR TODOS OS MEUS ESTUDOS É POR ISSO EU NÃO VOU DEIXAR O MEU ESTUDO PRA SEMPRE VOU CONTINUAR ATÉ QUE MEU SONHO REALIZA. PORQUE EU SEI QUE VOU CONSEGUIR, MAS QUANDO EU ME INFORMAR QUERO AGRADECER CADA UM DOS PROFESSORES QUE ME AJUDARAM NO MEU ESTUDO. MAS NÃO VOU ESQUECER OS MEUS PROFESSORES DA RESERVA QUE SEMPRE ME ENSEJARAM MUITO PRA QUE O MEU SONHO SEJA REALIZADO. PARA ISSO EU ME ESTOU SE ESFORÇANDO.

texto

Quando eu, daqui mais dois anos eu terminar o meu Estudo, Vou tentar fazer algum curso em uma cidade, mas se eu tiver uma chance eu sei que eu vou ser alguma coisa na minha vida eu só confio no meu potencial, mas também sabemos que hoje pra ser alguma coisa na vida tem que ter estudo na vida, e que hoje também não é fácil, mas tem que seguir em frente estudar mais, buscar mais experiência, pra depois ~~se~~ que terminar o Estudo, procurar um curso que hoje em dia você não vai ser um funcionária terminando só ~~ter~~ como tem as coisas de mais curso, mas pra ser um professor foi direto um curso de faculdade, depois magistério e mais um cursoinho. que hoje eu sei que na escola indígena precisam de professores indígenas não os brancos. por isso no Colégio Indígena daqui mais cinco anos vão ter professores formados.